

SOMNIUM é uma publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica



SOMNIUM

Nº 106 - Julho de 2013

MARCELO BIGHETTI
ROBERTO BELLI
RICARDO GUILHERME DOS SANTOS

AUDACIOSAMENTE INDO...

**MARIA HELENA BANDEIRA
SAINT-CLAIR STOCKLER**





SOMNIUM

EDITORIAL

Aqui está, enfim, mais uma edição do Somnium, a revista virtual do Clube de Leitores de Ficção Científica.

Foram convidados três autores para participar desta edição.

O capista e diagramador do Somnium, Marcello Bighetti, apresenta o conto *Pelo Bem do Povo*, originalmente publicado no livro *Caminhos do Fantástico* (2012, Editora Terracota). Este texto faz parte de um universo fantástico muito interessante ligado ao folclore brasileiro que já vem sendo desenvolvido por Bighetti há algum tempo e que merece atenção.

Em seguida, temos *A Especiaria Proibida*, conto presente em *O Farol do Espaço Profundo*, publicação independente de Roberto Belli. Esta é uma pequena amostra do excelente trabalho que o autor fez em seu livro de estreia. Além de ser uma leitura muito agradável, este conto faz de maneira inteligente uma sátira a situações muito comuns na nossa política.

Fechando os contos, temos *Sedução*, conto surpreendente de Ricardo Guilherme dos Santos. *Fragments* (2012,



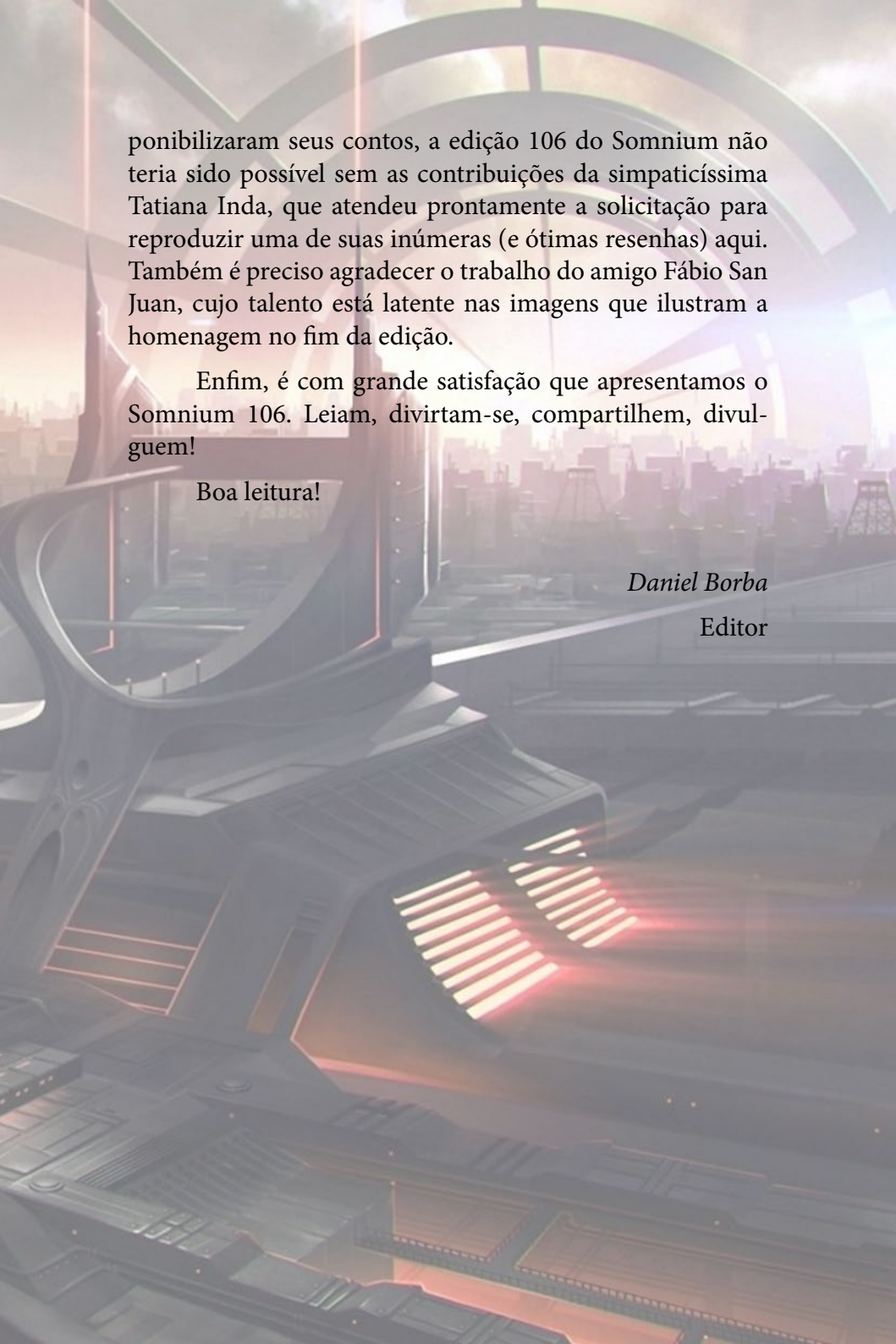
Giz Editorial), o livro do qual este texto foi extraído é uma reunião de textos, nem todos ficcionais, do autor, “fragmentos” de suas ideias. O livro encanta justamente pela sua espontaneidade.

Um leitor menos atento talvez não enxergue uma ligação entre os três contos acima. Mas ela está lá. São autores novos e desconhecidos de boa parte do fandom, mas que se esforçam em fazer literatura fantástica de boa qualidade relacionada à cultura brasileira, seja na fantasia de Bighetti, no jogo político e corrupto de Belli ou na ficção científica cheia de sensualidade de Santos. São autores com potencial para desenvolvimento e que devem ser observados.

Em seguida, esta edição do *Somnium* traz três resenhas. A primeira é de *Kaori e o Samurai sem Braço*, de Giulia Moon. A resenha foi escrita pela blogueira Tatiana Jiménez Inda, que conduz o excelente Blog da Leitora Viciada (www.leitoraviciada.com). A segunda resenha é de *Duncan Garibaldi e a Ordem dos Bandeirantes*, primeiro trabalho do escritor gaúcho A. Z. Cordenonsi, um livro cuja leitura é fortemente recomendada. Por fim, aparece a resenha de *Filhos do Fim do Mundo*, romance de estreia do jornalista Fábio M. Barreto.

Encerrando esta edição, o *Somnium* faz uma pequena homenagem a duas figuras queridas que nos deixaram neste primeiro semestre de 2013. Maria Helena Bandeira e Saint-Clair Stockler eram pessoas que, além de possuírem enorme talento, eram queridas por estarem sempre prontos a orientar, ajudar e, quando necessário, criticar aqueles que os procuravam. São pessoas que vão fazer falta, mas cujo trabalho, direta ou indiretamente, continuará presente no fandom.

Além das óbvias contribuições dos autores que dis-



ponibilizaram seus contos, a edição 106 do Somnium não teria sido possível sem as contribuições da simpaticíssima Tatiana Inda, que atendeu prontamente a solicitação para reproduzir uma de suas inúmeras (e ótimas resenhas) aqui. Também é preciso agradecer o trabalho do amigo Fábio San Juan, cujo talento está latente nas imagens que ilustram a homenagem no fim da edição.

Enfim, é com grande satisfação que apresentamos o Somnium 106. Leiam, divirtam-se, compartilhem, divulguem!

Boa leitura!

Daniel Borba

Editor

Somnium – Edição 106, julho de 2013

Editor responsável: Daniel Borba

Capa e diagramação: Marcelo Bighetti

Colaboradores: Marcelo Bighetti
Roberto Belli
Ricardo Guilherme dos Santos
Tatiana Jiménez Inda
Fábio San Juan

CLFC gestão 2011-2013

Presidente: Clinton Davisson Fialho – sócio n. 546 (Macaé- RJ)

Secretário-Executivo: Osame Kinouche Filho – sócio n. 186 (Ribeirão Preto -SP)

Tesoureiro: Daniel Fusco Borba – sócio n. 547 (São Paulo – SP)

Webmaster: Fábio San Juan – sócio n. 465 (Piracicaba – SP)

Contatos: contato@clfc.com.br

www.clfc.com.br/somnium

ÍNDICE

CONTOS

- 7 PELO BEM DO POVO, por Marcelo Bighetti
22 A.ESPECIARIA PROIBIDA, por Roberto Belli
42 SEDUÇÃO, por Ricardo Guilherme dos Santos

RESENHAS

- 61 KAORI E O SAMURAI SEM BRAÇO, por Tatiana Jiménez Inda
67 DUNCAN GARIBALDI E A ORDEM DOS BANDEIRANTES,
por Daniel Borba
70 FILHOS DO FIM DO MUNDO, por Clinton Davisson

HOMENAGENS

- 74 MARIA HELENA BANDEIRA
78 SAINT-CLAIR STOCKLER
81 BIOGRAFIAS

A dark, atmospheric scene with a glowing green waterfall and a small figure on a mossy rock. The scene is illuminated by a green glow, with a small figure standing on a mossy rock in the foreground. A glowing green waterfall flows in the background, and a small, glowing green light is visible on a branch to the right. The overall mood is mysterious and ethereal.

PELO BEM DO POVO

Marcelo Bighetti

PELO BEM DO POVO

Marcelo Bighetti

*Histórias de um mundo há muito esquecido,
chegam até nós através das lendas.
Lendas atuais de realidades de outrora.*

Quinco luas se passaram desde a batalha contra as Icamiabas. Durante este tempo os Curupiras remoeram um orgulho ferido. A batalha havia sido um sucesso, graças a ajuda dos Sacis, mas mesmo assim a liderança estava sem a confiança do povo. A insatisfação popular crescia a cada dia, e isto devido à dependência militar dos Sacis e o aumento dos impostos desde a aliança com eles.

— Sim, conseguimos a vitória rechaçando o exército das Icamiabas, mas fomos humilhados pelos Sacis, onde fomos obrigados a enterrar, além de nossos guerreiros abatidos, as Icamiabas. A moral dos nossos soldados foi maculada. O povo está descontente. Nossa força política está esmaecendo — Quirinac, Senhor dos Curupiras, desabafava gritando de raiva enquanto socava a mesa.

— Calma Quirinac. Exaltando-se desta maneira apenas torna nebulosa nossas mentes, obscurecendo as possíveis soluções que porventura poderiam permear nosso entendimento — o oráculo divino Paricav, espécie de profeta e conselheiro espiritual, com voz tranquila tentava acalmar os ânimos exaltados. Continuou:

— E pelo que eu saiba fomos nós que despertamos a fúria dos Sacis, agindo sem honra ao executar várias das guerreiras Icamiabas após haverem se rendido. Não foi assim?

A pergunta de Paricav deixou todos pensativos.

A nação Icamiaba, formada por mulheres guerreiras, que excluiu a presença dos homens de sua sociedade, conseguiu adquirir, ao longo das eras, a antipatia e ódio das demais raças. Eram inescrupulosas e sem honra perante as outras comunidades. Hábeis com o arco e flecha, abatiam seus inimigos à distância. Exímias na arte de cavalgar, atemorizavam a todos com suas zarabatanas. No combate corpo-a-corpo, eram mortais com suas cimitarras. A cada ano invadiam a tribo humana dos Guacaris, raptando homens para acasalar. Escolhiam sempre os melhores espécimes. Com o nascimento, ficavam com as meninas. Se fossem meninos, ficavam à mercê do humor da mãe: eram mortos, deixados ao relento ou devolvidos aos Guacaris.

Quebrando o silêncio Paricav insistiu:

— Não foi assim? E quem estava no comando de nosso exército?

— Isto não vem ao caso — berrou Quirinac.

— Não vem ao caso? — Paricav repetiu ironicamente — Humm... Tudo bem. Prossigamos então ao *caso* — deu ênfase demasiada à última palavra. Seu olhar era de repreensão.

Paricav levantou-se e caminhou até um vaso de flores amarelas. Apreciou o doce perfume e disse:

— Precisamos dar ao povo algo que traga ânimo e

que resgate o orgulho próprio — sua voz era suave e solene. Vestia túnica rubra, com detalhes florais brancos nas mangas longas, tecidas com seda pura, contrastava com demasia das túnicas brancas dos demais.

O conselho Curupira estava reunido para tratar das repercussões negativas que estavam proliferando entre a população. A aliança com os Sacis não era bem vista.

Os Sacis eram criaturas grandes que chegavam a altura de dois humanos. Com estrutura óssea robusta, os longos braços se estendiam quase ao chão. Possuíam apenas uma perna, que terminava com um grande pé em forma circular. A pele, negra e escamosa como a dos lagartos escuros, era espessa e resistente como casca do carvalho. A cabeça enorme possuía a mandíbula proeminente projetada para frente. Caninos visíveis mesmo com a boca fechada. O nariz era largo como se apoiasse os grandes olhos negros.

— Esta aliança, como insistem em denominar o que na minha opinião é apenas um cativo disfarçado, tem sido algo humilhante para nós. E foi sua ideia Paricav, esta associação com os Sacis — Quirinac falava ofegante.

— Quirinac... Quirinac... Não se esqueça que estou a serviço da Deusa-Mãe Caamanha, e que tudo é o desejo dela

— Assim espero — Quirinac comentou sem ânimo e sua irritação aumentou devido a extrema calma de Paricav.

Quirinac pensativo ficou a olhar em volta, divagando ao levar em conta que aquela sala de reunião dentro do palácio do Senhor dos Curupiras acentuava o supremo desejo pela extravagância. Olhou atento a representação histórica dos Curupiras, esculpida em baixo relevo nas paredes de madeira. Viu a imagem das exóticas folhagens e flores

que adornavam o ambiente, refletidas naquelas paredes finamente polidas, enceradas com a própolis das abelhas das montanhas distantes. Fechando os olhos sentiu prazer ao sentir o adocicado aroma amadeirado, e riu consigo mesmo sobre este requinte sublime.

A nação Curupira habitava a Floresta Densa. Hábeis artesãos em madeira, suas habitações formavam um conjunto único com a natureza, a qual era venerada e protegida por eles, designados a isto pela própria Deusa-Mãe Caamana. Os Curupiras eram criaturas de pele cinza com uma rala pelagem avermelhada. Os pés eram virados ao contrário. O crânio era um pouco maior do que o dos humanos, mas com um formato triangular: o topo da cabeça era bem largo e achatado, terminando em um queixo fino. Não possuíam nariz e sim cavidades na face, onde as narinas, duas de cada lado, pareciam guelras. As pupilas bem dilatadas, vermelhas como brasa, se estendiam por toda a extensão exposta do globo ocular. Os cabelos, grossos e longos, eram alaranjados como o crepúsculo. Por possuírem uma articulação a mais nas pernas, corriam com grande velocidade e saltavam longas distâncias.

Quirinac interrompeu o devaneio, e após andar de um lado para o outro, olhou para os treze membros do conselho e perguntou:

— O que faremos? — uma ponta de angústia foi transmitida de forma inconsciente.

— Eu acho que... — Paricav calou-se de súbito. Seu olhar fixou-se nas flores púrpuras em um vaso que enfeitava o ambiente e ficou a pensar. Alheio a tudo em seu redor seu olhar perdia-se em um infinito pessoal.

— Paricav? Você acha o quê? — As palavras de Qui-

rinac interromperam os pensamentos e trouxeram Paricav de volta à reunião.

— O quê? — perguntou ainda meio perdido.

— Você estava a ponto de compartilhar alguma ideia sobre o que devemos fazer — comentou Quirinac.

— Verdade — concordou — Eu acabei de ter uma visão — continuou Paricav com voz calma e olhar sereno — A própria Deusa-Mãe Caamanha falou a mim e disse o que devemos fazer.

O silêncio tomou conta da sala.

— Fomos ordenados a exterminar as Iaras — seus olhos mais uma vez fitaram o infinito.

O burburinho gradativamente se transformou em acalorada discussão. Alguns gostaram da ideia enquanto outros achavam uma loucura. A maioria não acreditava que a Deusa-Mãe ordenaria tamanha crueldade. Como exterminar uma raça aquática que vive no Grande Rio? Com a discussão em alta e não chegando a nenhuma solução unânime, Paricav usando de sua autoridade e persuasão concluiu:

— Meus amigos. Se a Deusa-Mãe ordenou não devemos obedecer? Se ela está pedindo isto, com certeza nos dará forças para cumprirmos nossa missão. Um caminho será preparado. Fomos criados à sua imagem e semelhança e com certeza nossos espíritos serão fortalecidos. Além do exército devemos fazer uma declaração junto ao povo requisitando voluntários para esta causa nobre. Desta forma resgataremos nosso orgulho ferido e o que é mais importante, seremos abençoados pela Deusa-Mãe por cumprir suas ordens. Ajudaremos a limpar a verdadeira natureza.

As palavras de Paricav eram afiadas com o fio da li-

sonja e penetrava com profundidade nos desejos dos necessitados espirituais e dos carentes de glória pessoal.

— Quirinac — disse Paricav — prepare uma expedição para extrairmos uma grande quantidade da seiva da morte e convoque o povo para fazermos um pronunciamento. Lembre-se que sua posição política será fortalecida de uma forma gigantesca. Faremos o ataque daqui a seis luas.

— E faremos o que com a seiva? Simplesmente jogar no Grande Rio? — as palavras de Quirinac tinham um certo tom sarcástico.

— Exato meu bom e velho amigo. Jogaremos no Grande Rio.

— Mas isto é uma loucura — as membranas nasais de Quirinac latejavam muito, como guelras de um peixe fora d'água — Por mais seiva que consigamos extrair não conseguiremos ter muito efeito na enormidade do Grande Rio. Sem citar o fato que iremos matar infindáveis peixes e contaminaremos tudo no caminho da correnteza. E o que espera com isto Paricav? Diga-me? Mataremos quantas Iaras? Dez? Cem? Mil?

— Não importa a quantidade, mas sim o efeito assustador que causaremos nelas. Nos imporemos como superiores, daremos motivo ao povo de se orgulharem da liderança que possuem — a tradicional calma na fala de Paricav começava aos poucos a esmorecer.

— Não seria este um ato de guerra?

— Valeria o risco?

— Comentou sobre um extermínio, mas acho um exagero.

— Nós como protetores da natureza não deveríamos

causar um efeito letal desta magnitude.

Assim, um a um dos membros do conselho levantaram suas opiniões.

As Iaras, aos olhos dos Curupiras, eram aberrações da natureza. Uma maldição imposta pela própria Deusa-Mãe aos desprezíveis humanos. Diz-se que foi uma Icamiaba, muitas eras no passado, que com sua arrogância conseguiu trazer à tona a ira de Caamanha. Esta, com os poderes da natureza, uniu um peixe bagre à humana. A hedionda criatura, pouco maior que um humano, tinha o corpo de bagre e onde iniciaria a cabeça do peixe o tronco de uma mulher se pronunciava, mas nada de humano ficou a não ser os contornos do corpo. A cabeça era uma horrível união dos dois seres. Agora elas habitavam o Grande Rio e não permitiam que ninguém navegasse em suas águas.

Com um soco potente na mesa, algo totalmente inédito nas atitudes de Paricav, gritou:

— Chega! Está decidido. Saíam todos, menos você Quirinac.

O silêncio reinou de forma suprema após a saída do conselho. Quirinac e Paricav permaneceram imóveis por muito tempo. A grande mesa redonda, polida com maestria, refletia a imagem do rosto cabisbaixo de Quirinac. Paricav levantou-se, foi até o amigo, colocou a mão em seu ombro e murmurou:

— Ao entendermos como funciona as motivações da mente da sociedade, é possível controlar e reger as massas de acordo com nossa vontade, e isto sem o conhecimento do povo. Aprenda isto meu jovem Quirinac... aprenda isto. E tem mais.

Paricav fez uma pausa, olhou para o teto e disse:

— Estou negociando uma aliança com os Reptilianos
— sua voz era grave e misteriosa.

Quirinac encarou com espanto o velho Paricav e continuou calado com a indignação crescendo dentro de si. Voltou a baixar a cabeça enquanto o outro compartilhou o segredo:

— Após nosso ataque, que é uma declaração de guerra, os Reptilianos atacarão as Iaras e tomaremos o controle do Grande Rio em nossas terras. Não comente com ninguém sobre isto.

Quirinac levantou a cabeça e viu o outro sair da sala. Olhou para a janela e contemplou araras azuis voando. Fechou os olhos e mais uma vez sentiu o agradável cheiro das flores que ornamentavam aquele recinto.



Ao alvorecer do dia determinado a natureza parecia conhecer o que estava por vir. O céu nublado e o fino chuvisco que molhava o solo contribuíram para o aspecto sombrio da manhã. As nuvens escuras cobriam o céu de um horizonte ao outro.

Posicionados ao longo do Grande Rio, mantendo uma distância segura da margem, os soldados e voluntários aguardavam ansiosos o grande momento. Seus nomes estariam gravados para sempre nos anais históricos. Todos estavam armados de alguma maneira.

No alto de uma grande ribanceira, perto da parte mais estreita do Grande Rio, Paricav e Quirinac contemplavam a linha interminável de Curupiras às margens claras. Com um olhar que à Quirinac pareceu um tanto quanto malévolo,

Paricav disse:

— É hora de satisfazermos o desejo de Caamanha, nossa Deusa-Mãe.

— Com sinceridade. Você acredita em tudo isto?

— Meu bom Quirinac. Não importa o que eu ou você acreditamos. O segredo está no que o povo acredita.

Com um aceno de cabeça Quirinac ordenou ao comandante do exército. Uma flecha incandescente cruzou o céu acinzentado. Mil e quinhentas catapultas foram acionadas e os vasos de cerâmica arremessados com precisão. Cada vaso, com altura de dois Curupiras, espatifou-se ao atingir a água, liberando uma quantidade enorme de seiva da morte.

O som dos vasos cortando os ares, seguido pelo estrondo da quebra, fizeram os Curupiras bradarem em alta voz.

Aos poucos as límpidas águas escureceram. O odor ácido da seiva empestou o ar.

Após um breve silêncio, sons abafados e horripilantes vieram das profundezas da água. Era como o som das angústias contidas nas entranhas proibidas da terra. As Iaras estavam morrendo.

De repente a superfície das águas começou a se agitar como em um caldeirão fervente.

Incontáveis Iaras se projetaram em desespero para fora da água e eram de imediato alvejadas com as flechas certas dos arqueiros. Outras se precipitaram às margens do rio e foram espancadas até a morte. Algumas simplesmente não resistiram ao veneno e boiaram mortas. A chacina foi rápida. Cruel e impiedosa.

Os Curupiras cumpriram sua sagrada missão. O povo estava eufórico. Os soldados enobrecidos. Os líderes satisfeitos.

A fina garoa transformou-se em uma chuva torrencial. Os ventos aumentaram e o céu escureceu de forma assustadora. Mas mesmo assim a euforia e a comemoração se estendia por toda a margem do rio. Curupiras molhados gritavam e pulavam de alegria.

Ao lado de Paricav, Quirinac observou perplexo a extensão do Grande Rio. Milhares de corpos das Iaras boiando. Junto a elas, uma infinidade de peixes as acompanhavam correnteza abaixo.

— O que foi que fizemos? — Quirinac transmitiu pesar em sua pergunta sem conseguir tirar os olhos dos corpos que boiavam.

— Fizemos...

Paricav calou-se. Seu olhar fixou-se nos cadáveres e os pensamentos retrocederam muitos e muitos ciclos. Lembranças enterradas nos recônditos de sua alma. Dolorosas lembranças onde o passado se apresentou em sua mente como se fosse um claro presente.

Tudo se repetia.

Novamente via a si mesmo correndo desesperado e gritando a plenos pulmões:

— Saia daí meu filho. Saia! — Mas estava muito longe.

Paricav podia ver seu filho com outros dois garotos às margens do Grande Rio. Os três jovens atiravam pedras na água e desafiavam as Iaras com frases provocativas.

— Apareçam suas aberrações.

— Sim, apareçam. Onde estão vocês, suas feiosas?

— Talvez não sejam assim tão cruéis, suas amaldiçoadas.

E as pedras eram atiradas com força e ódio.

Paricav corria gritando cada vez com mais desespero. Quando ainda estava fora do alcance de sua voz, tudo aconteceu de forma rápida. Mas para ele o tempo parou.

Um som estridente e pavoroso ecoou pelas límpidas margens do Grande Rio quando um jorro de água subiu ao céu e cinco Iaras pularam para fora d'água. Os três jovens Curupiras foram trespassados pelos longos filamentos dos seres aquáticos. O veneno injetado agiu rápido, assim como as Iaras, que os arrastaram para as profundezas do rio.

Quirinac colocou a mão no ombro do oráculo tirando-o de seus pensamentos.

Com um leve sobressalto e ainda pensativo, Paricav concluiu a frase:

— Fizemos tudo pelo bem do povo.

Virou-se e seguiu em direção à densa mata. Ao adentrá-la caminhou alguns instantes e logo avistou um vulto encostado em um grande tronco. A grande criatura reptiliana, em posição ereta, encarou-o sem expressão. Seus cabelos brancos desciam de um crânio bizarro, semi humano.

— Está feito — confirmou Paricav.

— Muito bem.

— E os Sacis?

— A vez deles chegará.

— E o ataque pelos Reptilianos?

— Com certeza ocorrerá.

— Assim espero.

Paricav desapareceu entre as árvores deixando a Cuca, governadora dos Reptilianos, sozinha. O sorriso dela era sarcástico e sempre achava muita graça quando tentava falar no idioma Curupira, sendo as palavras proferidas com sons agudos e cadência melódica, quase assovios.

Esperou por alguns momentos e se dirigiu para o Grande Rio. Movimentava-se com mais agilidade na posição horizontal, usando os quatro membros. Chegando às margens viu que a correnteza já havia limpado aquela área do massacre. A chuva continuava a cair forte e o som das gotas no rio eram como uma melodia à parte. Mergulhou no rio e logo a melodia se tornou diferente. Todos os sons eram abafados.

Suas membranas oculares logo se acostumaram e sua visão aquática lhe permitiu apreciar a beleza do mundo submerso. Tudo era diferente, principalmente a sensação de liberdade ao poder nadar em todas as direções. Sua longa calda lhe dava uma mobilidade fantástica sob a água. A coloração rósea de suas escamas era uma lembrança de sua natureza pré humana. Memórias de um passado esquecido.

Continuou a nadar nas profundezas do Grande Rio até as habitações das Iaras. Havia visitado aquele lugar várias vezes, e sempre se maravilhava com as construções belíssimas. O palácio real era imponente, com uma arquitetura assombrosa. Tudo havia sido construído eras atrás quando as Iaras ainda habitavam terra seca, e adaptado depois da maldição.

Escortada por duas sentinelas, a Cuca foi levada até Chimar, a rainha Iara.

— Nada mal para um reptiliana – Chimar nadava em volta da visitante.

— E ao meu ver muita crueldade de sua parte sacrificar membros de sua própria espécie.

— Eram apenas criminosas, já sentenciadas à morte. E além do mais, vamos deixar os Curupiras pensarem que podem conosco. Pobres criaturas — sua risada era medonha.

— Temos um acordo?

— Claro minha querida Cuca. A partir de hoje as Iaras e os Reptilianos que você lidera formam uma aliança. Vocês serão nosso exército em terra — sua expressão era de poder — Volte à superfície e prepare seu exército para atacar os Curupiras.

— Assim será feito — Cuca concordou com satisfação.

— Ah... e tem algo que preciso te agradecer.

— O que seria, minha querida Chimar?

— Obrigado por há muito tempo atrás ter persuadido o filho do Paricav a brincar às margens do Grande Rio.

Após uma reverência a Cuca partiu, deixando Chimar sorrindo de satisfação.



A ESPECIARIA PROIBIDA

Roberto Belli

A ESPECIARIA PROIBIDA

Roberto Belli

Depois daquele desjejum em companhia de dois sujeitos não muito amistosos, percebi que as relações com a Federação Terrestre estavam desgastadas. Eles fizeram acusações nos canais da estação no dia anterior e ao pessoal da equipe do meu governo. Deixaram minha posição de primeiro-ministro muito abalada nesta manhã, segundo as pesquisas. E é claro que a opinião pública das estações de Alfa Centauri era importante para mim. Logo nesse momento que andava preocupado com minha posição em futuras eleições. E agora essa! Eles queriam saber sobre o contrabando do *tiyah*, nossa especiaria sagrada e estimulante, mas que para esses vermes da Terra era uma droga e um perigoso alucinógeno. Só para constar, a especiaria vinha de Luyten-9, que ficava a 15,3 anos-luz do sistema solar e as minhas estações de Alfa Centauri A, segundo os meus ilustres e indesejáveis visitantes, seriam a “porta de entrada” dessa droga na Terra.

Tive que rir e, como primeiro-ministro, é claro!, neguei tudo! Essa polícia, terrestre e rastejante, não tinha mais nada o que fazer além de vir até aqui para me fazer acusações infundadas? Se algum carregamento de *tiyah* tivesse dado entrada nestas estações, coisa absurda!, eles não teriam como provar a minha participação nisso. Era um insulto a mim e a meus familiares. Por isso, adiantei-me: mandei meu secretário de segurança descobrir quem estava por

trás desse suposto crime nas estações. E fiz entender, educadamente, àqueles cavalheiros que, antes de me acusarem, seria bom consultarem os seis mil habitantes, entre civis e militares, para que possam entender o quanto gozo de boa reputação, de homem honesto e dedicado a esta comunidade que mantenho no espaço. Sem exageros, sou um homem amado e admirado por todos.

Falei a eles sobre minha popularidade. Sim, popularidade sempre é um bom argumento para calar o adversário. Afinal, era um jogo político antes de tudo. Outro estratégia que adorava nestas horas era chamar a atenção para a pouca influência da Federação nas estações de Alfa. Lembrei-lhes de que a Terra e seus problemas estão, literalmente, a anos-luz de distância. Os dois sujeitos, de moral baixo, resolveram ir embora, mas prometeram voltar para novos esclarecimentos, só para não darem o braço a torcer.

Ora, quantos aborrecimentos por causa de uma especiaria tão inofensiva! E para quê? O *tiyah* não tinha nada de extraordinário, era até melhor que muitas outras drogas tradicionais. Além de não fazer mal algum ao organismo humano, especialistas indicavam-no clandestinamente a ricos no tratamento do estresse. Porém, em todos os domínios da Federação Terrestre por questões inteiramente políticas e econômicas o *Tiyah* era proibido. O governo terrestre — e porque não dizer “império terrestre”? — evidentemente não queria fortalecer as economias externas ao seu domínio.

Ah, mas a notícia correu velozmente e acabou que não tinha ouvidos mais atentos e bocas mais maledicentes que as das estações orbitais Alfa A-7. Por todos os sóis desse universo, os mesmos que diziam colocar suas mãos no fogo por mim, agora me vendiam como mercadoria. Por isso, o vice-ministro, pessoa sensível e de grande visão política,

aconselhou-me a deixar o cargo e a viajar para algum lugar distante até que a poeira baixasse. Mas eu precisava fazer alguma coisa. Não acreditava que meus subordinados fossem tão ingênuos a ponto de pensar que o “império terrestre” tivesse sempre razão. Todos eles apreciavam a maravilhosa especiaria e se beneficiavam dos lucros anuais bem aqui, num território tão distante da Terra. Por isso, acho que por trás das acusações infames havia outros negócios não revelados.

Obviamente, eu teria de ser mais esperto do que de costume para afastar o cerco à minha pessoa. Mas afastar terrestres rastejantes não ia ser nada fácil, por isso teria de ir pessoalmente à Terra, pedir ao ministro da Segurança Interplanetária o apoio necessário para o envio de forças policiais ao Sistema de Luyten, onde afinal a especiaria era fabricada. Com isso, eu ganharia mais tempo em Alpha A-7 e, quem sabe, até algum prestígio para vários mandatos.

A única maneira de partir para a Terra o mais rápido possível seria num de meus cargueiros que estava pronto para desatracar da estação-porto. É, eu sei que cargueiros são desconfortáveis, mas afinal tenho mais de vinte deles. Mas não poderia escolher uma nave de passageiros, pelo simples fato de a última ter acabado de sair e a próxima estava marcada para somente daqui a cinco meses. Esse é o preço de viver numa época em que desbravamos o espaço. Por isso, tive de encarar alguns incômodos inevitáveis, como cabines mínimas e comida ruim. Ah, e torci para ninguém me incomodar durante os oito meses de viagem até a Terra. Sim, pelos sóis!, estamos na época das diligências espaciais... Mas, como eu disse, não tive escolha. Nem vou comentar o meu tédio durante todo o percurso, numa gravidade baixa demais, deixando-me péssimo, pois tinha que praticar exercício o tempo todo, o que definitivamente não

é o meu *hobby* favorito. Mas era melhor que as tonturas e a sensação de enjoo constante.

Quando ouvi o grito “Terra à vista!”, maneira simpática de o meu capitão, Telor Cabral, dizer que estávamos chegando, senti um grande alívio. Telor era uma figura muito engraçada e um excelente contador de histórias, mas fica para outro dia as narrativas desse homem que, por ser valeroso e fiel, estava bem servido na minha folha de pagamentos. Ao atracarmos na Estação Espacial Gibraltar, que orbitava além da Lua, fui o primeiro a sair e o primeiro a pegar a nave de frete de cargas para a Terra. Dali mesmo, fiz reservas num hotel de Nova York e tratei de enviar mensagens a velhos amigos que ocupavam cargos importantes junto ao governo mundial. Fiz uma reserva num dos melhores hotéis daquela belíssima metrópole do hemisfério norte terrestre. Mal podia esperar para pôr os pés em Terra e ver o céu azul de julho sobre a minha cabeça.

Mas é claro, não andei nem cinco passos, tudo ficou escuro e caí em pleno aeroporto, agarrado às minhas duas malas. Acordei num hospital e os médicos disseram que estava tudo bem comigo, mas lembraram-me que eu já não era tão jovem. E veio aquela conversa de não poder fazer isso e não poder fazer aquilo. Uma chateação. Foi necessário passar horas num centro de reabilitação, tomando algumas drogas para o fortalecimento muscular, até que pudesse suportar meu próprio peso. Receitaram mais drogas para os ossos e oxigenação das células. Tudo bem, desde que eu pudesse fazer tudo o que queria, mas parecia que tinha uma estação espacial sobre meus ombros em tempo integral. A gravidade da Terra é horrível!

Quando me liberaram, fui para o hotel. Mas resolvi tomar um suco no restaurante para matar a sede. Foi um

rapaz que me atendeu (para minha surpresa, era gente de verdade, nunca havia sido atendido por uma pessoa, apenas por máquinas ou robôs) ofereceu-me o jornal do dia, que recusei. Ler àquela hora, dar-me-ia náuseas.

— Hoje, tem uma manchete sobre a grande mudança na política externa terrestre. O jornal está quentíssimo. Temos em cubo digital, senhor — insistiu ele.

Considerarei aquela insistência uma petulância. Agora sei por que preferimos máquinas em Alfa Centauri.

— Já estou a par dos acontecimentos, meu rapaz, eu sou do governo — menti para ele, exagerando no meu ar de enfado.

O rapaz espantou-se com a minha resposta. Claro que eu não sabia nada sobre mudanças políticas e, com a cabeça pesando mil quilos, elas não me interessavam nem um pouco no momento. O que me chamou a atenção foi que o rapaz me tomou mesmo como um membro do governo terrestre, trouxe uma taça de um genuíno suco de ameixas vermelhas com ar de muito respeito. Ponto para mim. Era sempre bom ter humor em situações como essas. Dei a ele uma boa gorjeta, no que sorriu muito agradecido.

O quarto do hotel parecia um luxuoso palácio se comparado à cabine do cargueiro, onde fiquei oito longos meses. Acomodei-me no sofá, retirei um *tab* de uma das malas e busquei a lista atualizada de representantes daquele país junto à Federação Terrestre. A tarde estava no seu final e não adiantava ligar para a capital nacional, pois a maioria dos políticos já não deveria se encontrar em seus lugares de trabalho. Então, resolvi combinar um encontro na manhã seguinte com meu amigo Fontes, pessoa bastante influente no meio político.

No dia seguinte, acordei tarde, lá pelas onze da manhã. Não estava acostumado aos dias e noites da Terra. Apressei-me em ligar para o Fontes, desculpando-me pelo atraso, inventei que tivera um imprevisto. Como ele estava com a agenda livre, poderia atender-me. Combinei, então, lá pelas quinze horas.

Fui almoçar no restaurante do hotel e todos continuavam a tratar-me muito cortesmente. Eu parecia um presidente hospedado e, para fazer jus a isso, quis ver os jornais. As notícias caminhavam com a mesma rapidez que as naves, portanto, as manchetes sobre Alfa deveriam apresentar fatos sobre o contrabando de *tiyah*. Esperava que nada muito sério fosse abordado pelos jornais falados contra a minha pessoa. Afinal, era só uma suspeita de contrabando. Sorri internamente e pensei: “isso não era crime aqui na Terra”. Para tirar as dúvidas, pedi um cartucho digital do jornal do dia, coloquei-o na tela da mesa e o próprio garçom ligou-a para mim, o que agradei com uma gorjeta.

Não quis saber das notícias locais, nacionais e nem mundiais. Procurei logo a seção interestelar e digitei o meu nome no campo de procura do jornal. Logo apareceram duas estrelas na tela e a Estação Orbital Alfa A-7. Estremeci ao ver aquelas imagens tão perfeitas e nítidas.

Na telinha, apareceu o secretário de segurança para assuntos interplanetários, que se encontrava na Terra, que deu uma entrevista coletiva numa sala lotada. O secretário disse:

“Bem, senhores! Ontem, foi estabelecido um novo mapa dos limites da Federação Terrestre. Agora, toda a nossa ação vai até a estrela Vega, num raio de 26 anos-luz. O decreto, que legaliza o *tiyah*, torna a droga legal em toda a Federação. Mas o entreposto deste produto, o grupo de es-

tação espaciais de Alfa A, continuará sob vigilância. Todos os desvios feitos lá serão examinados.”

Imaginei quanto dinheiro estava perdendo com aquela farsa. Toda a economia de Alfa A-7 baseava-se no *tiyah*. Meus lucros também. Era a ilegalidade que tornava o seu preço muito bom. Tentei concentrar-me no que deveria fazer, mas faltava-me o raciocínio. Meu estômago revirou e a Terra parecia querer sugar-me para o seu centro de gravidade. Senti que perdia as minhas forças e em meu campo visual tudo ficava irreal e absurdo. Antes de cair, lembrei-me do conselho dos médicos: “qualquer piora, tome mais destes comprimidos”. Sem respiração, tateei dentro da mala e achei um frasco de comprimidos. Engoli um e em poucos minutos recuperei-me. Continuei ouvindo o jornal. Não deveria ter feito isso. Eles me reservaram um golpe final. A voz de mel da lindíssima repórter do Jornal “Universo em Notícias”, disse:

“O secretário da Economia afirmou que, com a liberação do *tiyah*, a especiaria fica mais barata e as indústrias terrestres assumem definitivamente o que já faziam na ilegalidade. Mas agora, com novas técnicas de plantio, colheita e preparo, tornarão o produto mais adequado e seguro. A Terra importava a especiaria por meios ilícitos e, por isso, sem nenhum controle. Era um produto que trazia muitas ameaças a sua saúde. O secretário disse ainda que Alfa A-7 não será mais o entreposto, pois ele encarece o produto. Quanto ao problema da resistência política à coordenação terrestre, o secretário da Economia afirmou que Alfa A-7 voltará a ser uma estação e, como tal, terá ordens diretas da Terra. Qualquer ato de rebeldia será reprimido de acordo com a Constituição promulgada há mais de vinte anos. E todos os bens adquiridos com a contravenção serão confiscados e os responsáveis punidos.”

Minha respiração continuava insuficiente para oxigenar-me. E, diante das arbitrariedades que eu ouvia, a dificuldade para respirar tornava-se pior a cada momento. Chegar à minha idade e ouvir de uma tela de restaurante que minha pátria não existia mais e que todos os meus bens iam ser confiscados, certamente, isso custaria um coração novo!

Um erro monumental ter vindo à Terra! Desperdício de tempo e dinheiro! E a política? Agora, eu não passava de um rato! E o que será de meu dinheiro que está em Alfa? Estou perdido sob qualquer ângulo. Não tem jeito! A respiração me faltou e desmaiei.

Acordei horas depois, no mesmo hospital, rodeado de pessoas estranhas. Achei que todos fossem médicos. Demorei muito tempo para focalizar a vista. Finalmente, distingui um homem de meia idade, que me pareceu conhecido. Mas talvez meu cérebro não estivesse tão bem. Ele se aproximou sorrindo.

— Senhor Cásper Ferri — disse ele, dirigindo-se a mim —, por que não anunciou a sua vinda à Terra? Teríamos oferecido uma recepção digna de um chefe de Estado. Primeiros-ministros não costumam chegar em cargueiros e entrar na Terra sem se anunciar.

Olhei para o sujeito mal-educado.

— Tem alguma coisa contra cargueiros? — balbuciei, ainda sofrendo com falta de ar.

O homem andou pelo quarto.

— Acredito que o serviço de bordo não seja dos melhores. — Ele olhou em torno e depois assumiu uma expressão benevolente. Aproximou-se de novo. — Bem, senhor ministro, quero fazer-lhe algumas perguntas a fim de esclarecer o caso de Alpha A-7. Está numa posição bastante

embaraçosa como chefe de Estado.

Foi aí que me lembrei. Tinha visto aquele rosto na tela do jornal do restaurante. Ele era um dos motivos por eu estar deitado numa cama de hospital. O que dizia a legenda mesmo? “Secretário de Segurança para Assuntos Interplanetários”. O homem do caso do contrabando de *tiyah*, em pessoa!

— Sinto muito — falei, trêmulo —, não posso responder a nenhuma pergunta. Desculpem-me todos os senhores. É que eu sofro do mal da gravidade, sabe? Tempo demais no espaço acaba afetando os músculos e os ossos...

O secretário balançou a cabeça, negativamente, estalando várias vezes a língua. Aproximou-se mais uma vez com olhar ameaçador.

— Sorte a sua. Se seus músculos fossem mais fortes sua cabeça já teria rolado. Mas acho que será melhor do modo como estamos indo. — O homem enfrentou os olhares dos outros por causa do seu discurso agressivo. Parece-me que havia algo ético no recinto. Fiquei surpreso e um pouco aliviado! Mas ele continuou: — Hoje, o senhor será encaminhado ao hotel. Mas não poderá dar entrevistas ou receber pessoas que não sejam autorizadas. Ficará em constante vigilância e tudo o que disser ou fizer poderá ser usado contra o senhor no tribunal de Alfa Centauri A, onde responderá por crimes contra a sociedade local.

— Mas... mas eu não entendo... — resmunguei. — Agora, o *tiyah* é legal.

O secretário saiu da sala, sorrindo ironicamente. Eu não entendia mesmo mais nada! A cabeça doía e isto aumentava a sensação de estar num beco sem saída. Faltaram-me forças até para responder à altura. Quando todos se

foram, bati com os punhos na cama. Ah! Nos meus bons tempos de juventude eles iriam ver o que era ter força!

Vi, então, que a gravidade terrestre não afetava somente a mim, deixando-me sufocado, mas também a todos os habitantes da Terra. Devia ser isto! Eram reprimidos por regulamentos e códigos éticos completamente sem sentido. Havia-me esquecido da ditadura regimental terrestre. Adeus liberdade!

E a expansão da fronteira terrestre, agora, ia muito além de Alfa Centauri. Havia muito poder nessa manobra. Tudo devia ter acontecido durante os quatro anos em que eu estava no espaço.

Deixe-me explicar uma questão da Física que, sem ela, não faríamos viagens para lugar nenhum. Alfa Centauri A fica a 4,3 anos-luz da Terra e, viajando a uma velocidade próxima a da luz, o tempo é menor para os habitantes do interior da nave, dentro da qual se passaram apenas oito meses. Mas para o restante do universo, pelo calendário da Terra, haviam-se passado cinco anos e oito meses. Quando eu retornar a Alfa A-7, mais cinco ou seis anos se passariam no restante da galáxia. Portanto, serão quase doze anos desde que saí de lá. Mas estarei somente um ano e meio mais velho. Essa questão relativística é uma chatice. A gente perde muita coisa no meio do caminho. O único prazer é falar para os outros que eles estão mais velhos! E outra coisa chata é que outra pessoa estará no meu cargo de primeiro-ministro, possivelmente nomeada pela Federação.

Entrar na Terra em atitude suspeita foi mesmo um ato de desespero. Tudo o quanto queria agora era voltar para o conforto da Estação A-7, ter os meus cinquenta quilos outra vez e recuperar o meu querido prestígio. Aos oitenta e cinco anos, há coisas que já não posso mais suportar: nem a gravi-

dade terrestre nem a impopularidade.

Os médicos prescreveram sedativos e apaguei. Acordei bem melhor e já deveria estar no espaço, pois meu peso parecia normal, e até abaixo do que eu estava acostumado. Uma enfermeira me disse sorridente que minhas funções vitais já apresentavam normalidade e fui informado de que estávamos de volta a Alfa Centauri, para o meu espanto.

Nem bem digeri a notícia da minha extradição e eis que recebi a visita de uma bela policial da Federação, Major Alvarez. Mostrou alguns documentos digitais e neles estava dito que todos os meus bens na Terra tinham sido confiscados e serviriam de pagamento das contas em Nova York, como hotel, cuidados médicos e a viagem interestelar que eu estava fazendo de volta. Que sovinas! A dívida foi parar na estratosfera, como se diz na Terra. E meus bens terrestres nem quitavam toda a dívida. Tentei persuadi-la mostrando meu cartão de crédito, mas ela não aceitou dizendo que não sabia da procedência do meu dinheiro. Um insulto grave. Tentei convencê-la de que eu não era um homem rico, apesar de primeiro-ministro, apenas possuía alguns apartamentos nas Estações 1 e 2. Ela logo aceitou as minhas propriedades e resolveu o problema das dívidas de viagem.

Depois disso, o que me preocupou mesmo foram os desdobramentos em Alfa A-7. Tomei as opiniões mais bem fundamentadas da enfermeira como fonte estatística. Pelas suas informações, os meus crimes teriam uma fiança muito alta e, infelizmente. Duvidava que o valor dos meus bens fosse capaz de pagar a minha liberdade. Tudo ia depender do resultado de um julgamento que me tornasse inocente das muitas acusações contra mim.

Fiquei avaliando a situação: meus amigos continuavam amigos e talvez eu nem fosse julgado pela Corte da

Federação. Mas a Terra tinha lá seus meios de fazer pressão política e, pelo jeito, eu não sairia ileso. Se houvessem provas contra mim, as testemunhas a meu favor poderiam sumir com elas. Pelo menos vinte pessoas do escalão superior me deviam muitos favores. Minha liberdade, então, poderia estar nas mãos de um bom advogado, conhecedor das leis terrestres e que estivesse disposto a me defender. Mas isto poderia ser algo um tanto difícil de conseguir. Então, perderia a minha liberdade... A menos que eu estivesse fora do meu estado normal, isto é, que eu estivesse louco, insano. Mas isso eu próprio não admitiria que dissessem. Meu orgulho estava acima de qualquer coisa. De modo que minha preocupação aumentava cada vez mais, na medida em que a distância de Alfa A-7 diminuía.

Quando a viagem atingira o seu sétimo mês, tive uma ideia: solicitar que o julgamento fosse feito em cadeia à distância, por um canal de transmissão espacial. Estaria eu presente no tribunal de Alfa A-7 apenas como uma imagem holográfica. A princípio, tive dúvidas, porque eles poderiam manipular dados sem o meu conhecimento e, sem a minha presença física, eu não teria como me defender de certas acusações levianas. Mas um advogado, o Dr. Clóvis Raposo, que se encontrava na nave, interessou-se pelo caso e convenceu-me de que seria melhor assim. Sim, a ideia certamente era inteligente, porque se o rumo do julgamento fosse para uma acusação mais severa, pediríamos o recesso do tribunal até que chegássemos. Desta forma, ganharíamos tempo e teríamos algo em nossas mãos, conhecendo acusadores e quem estaria disposto a falar em meu favor.

Foi assim que o julgamento teve início. Transmitido a todas as estações de Alfa Centauri A, o juiz era uma figura desconhecida para mim e a acusação, liderada por um promotor da Federação, começou enfática, relatando

item por item os deslizos que eles consideram criminosos de minha administração como primeiro-ministro. Naquele momento, fiquei feliz por não estar presente no tribunal. A vergonha seria grande. Da maneira como estava acontecendo, sem um público presente, apenas as pequenas câmeras e o monitor com as imagens do tribunal, era muito melhor, dando uma aparência de ficção. Mas cada vez que aparecia um documento onde havia a minha rubrica, lá entrava meu advogado com um protesto, pedindo para tornar o documento sem efeito, pois as provas pelo holograma, teoricamente, não poderiam ser consideradas autênticas por causa dos meios sofisticados de adulteração da assinatura. O juiz, porém, analisava o contrato e achava o contrário. Os protestos eram recusados com a alegação de que o tribunal era competente para avaliar os documentos. O juiz ainda considerava as desconfianças do Dr. Raposo muito impertinentes. O advogado suava, mesmo com a temperatura agradável e parecia bem arrependido de ter-me procurado para fazer a defesa. Um número impressionante de documentos digitalizados foi passado para o computador de nossa sala para serem analisados. O volume aumentava continuamente sem que pudesse dizer que eu não havia assinado, pelo menos, um deles.

A coisa começava a ficar séria. E ia ficar mais ainda, pelo jeito. Pois o tempo gasto pela promotoria até ali provava apenas que eu era um chefe de Estado corrupto e sem escrúpulos com o erário público. O principal objeto da acusação, entretanto, ainda estava por vir: o contrabando de *tiyah*. Eu já começava a pensar em todas as minhas propriedades e quanto elas valiam, pois a fiança seria alta demais. Isto, se não custasse a minha expulsão do sistema de Alfa Centauri. Esperava o pior, a esta altura.

Quando começou a segunda parte do julgamento, o

promotor foi avassalador. Traçou um perfil nada agradável do meu caráter e depois teorizou com evidências de que eu participei e comandeiei o contrabando de *tiyah*, considerado ilegal pela Federação na época. Estava perdido.

O Dr. Raposo passava as mãos no pescoço como se tivesse torcicolo e levantava-se protestando toda vez que o promotor mostrava provas documentais. Havia testemunhas, entretanto, e isto era algo que não se poderia contestar. E foram ao todo dez testemunhas, a maioria meus ex-subordinados, dentre os quais, seis me acusaram de todas aquelas barbaridades de tráfico. Eles também participaram, mas alegavam estar sob minhas ordens e temiam perder o emprego. Na verdade, eles faziam uma troca abominável, agraciados pela delação premiada. Que traidores!

Finalmente, o promotor terminou sua explanação, sob os aplausos da assistência e do martelinho do juiz, que pedia silêncio. Era a vez do meu advogado se manifestar. Nós já tínhamos combinado tudo, fazer a defesa, ouvir a sentença e depois recorrer com a invalidação do julgamento a distância. Assim, teríamos mais tempo para entrarmos em contato com pessoas, convencê-las a testemunhar em meu favor e tentar diminuir a pena.

Dr. Raposo começou pedindo a minha inocência. Até eu fiquei surpreso! Seu discurso enfatizou o contrabando como meu maior crime. Alegou que, o que eu fazia, na verdade, deveria ser chamado de importação e exportação de mercadorias, pois o produto fora legalizado no sistema solar. Ouviram-se vaias e o martelinho do juiz funcionou para calar a boca das víboras. O juiz, porém, interferiu diante da tentativa do meu advogado de ignorar as leis, dizendo que durante a minha gestão a lei fora violada e era isso que estava em julgamento.

Meu advogado teve de mudar a estratégia. Ele concluiu dizendo que, a essa distância, a defesa do seu cliente havia sido prejudicada. Diante de argumento tão fraco, voltei a fazer cálculos sobre os meus bens. Desta vez, não tinha mesmo saída, provavelmente pegaria pena de reclusão.

Ao final do julgamento, Dr. Raposo mal olhava para mim, sabia que não se saíra muito bem. Eu não poderia culpá-lo. Não havia como fazer uma excepcional defesa naquela situação, já que as provas apresentadas pareciam irrefutáveis. Os noticiários diziam que outras estações espaciais também queriam minha prisão e que eu deveria ser condenado a pena máxima, uns quinze anos de trabalhos numa unidade mineradora. Só restava tentar anular o julgamento, coisa que Dr. Raposo fez, assim que a corte voltou do recesso.

— Meritíssimo, antes que seja divulgada a sentença, respeitosamente informo que o formato deste julgamento não tem precedente, isto é, não há uma constituição de procedimentos legais necessários para um julgamento de longa distância através de um canal de videoconferência holográfica, onde o réu não está de fato presente na corte. Com o avanço do julgamento, meu cliente sentiu-se lesado com este formato e pede respeitosamente que se anule a sentença para que seja instaurado outro julgamento assim que chegarmos a Alfa A-7.

Na tela, o juiz, surpreso com o pedido do meu advogado, pôs-se a procurar um arquivo em seu computador. Quando o encontrou, mostrou-o na tela.

— Este documento prova que é perfeitamente legal o julgamento feito em cadeia de videoconferência holográfica. Senhor Raposo, entendo que o senhor queira defender o seu cliente, mas este tribunal está apto a declarar a sentença

do réu, a menos que surjam novas provas que possam mudar a opinião do júri, como o senhor tanto repetiu na sua defesa, e somente então poderá fazer uma petição de novo julgamento.

Mais uma derrota. Mas considero até hoje o Dr. Raposo um homem competente. O veredicto foi dado por uma mulher: “Culpado, Excelência!”. O juiz levantou-se e disparou:

— Vinte anos de direitos cassados e a trabalhar em uma unidade mineradora!

Acho que fiquei uma eternidade sem saber o que dizer. Fora pior do que pensava. Passei muito mal e acabei novamente na enfermaria da nave.

Sei que minha história parece um mar de lamentações. Fiz questão de mencionar alguns detalhes do julgamento, mesmo sabendo que o leitor teria péssima impressão a respeito do meu caráter. Mas meu único propósito foi o de revelar a verdade, admitindo que lucrei algum dinheiro com contrabando, mas nada que fosse uma exorbitância para fazer jus a uma pena tão rigorosa.

Sei que as notícias demoram a chegar aos lugares onde a Terra possui suas bases e colônias. Mas é uma história que precisa ser especialmente contada, pois aquele complô contra mim poderá se repetir com outras pessoas.

Explico. Enquanto estava na enfermaria da nave, não pude assistir ao Dr. Raposo utilizando-se de outro recurso jurídico original, deixando o juiz totalmente sem ação. Impetrou um mandado de segurança contra a sentença, pois ele possuía título de juiz, pedindo que averiguassem os computadores da nave, se havia informações sobre os procedimentos a respeito de julgamentos por holoconferência.

Com isso, ele queria provar que a nave, nesta circunstância específica, não teria conhecimento suficiente sobre o processo uma vez que o juiz não citara no início sobre em que bases e convenções o julgamento se daria. Uma retórica complicada, eu sei, em que minúcias legislativas estavam em questão. A sentença, então, era uma grande arbitrariedade, já que o réu, no caso eu, “não teve a oportunidade de se defender como manda a Organização das Nações Espaciais”.

Por incrível que pareça, o juiz acatou o argumento e pôs o pedido do cancelamento do julgamento em discussão. O promotor, com a voz muito alterada, argumentou que se tratava de um artifício para ganhar tempo. Ao calar-se, as atenções voltaram-se para o juiz, que pediu um momento para ler algo em sua tela. Houve silêncio no tribunal por longos minutos. O juiz pareceu refletir profundamente, de olhos fechados, em atitude introspectiva. Ao voltar de seu transe, resolveu, ali mesmo, indeferir a pena e fazer um recesso até que o réu estivesse presente no tribunal.

Na véspera da minha chegada a Alfa A-7, a nave foi interceptada por quatro pequenas naves de guerra da Federação Terrestre. Como ainda estava me recuperando, acordei na enfermaria entre os comentários dos médicos sobre a notícia do cerco. Aquela confusão toda era muito estranha e, a meu ver, completamente desnecessária. Para quê? Eu não estava armado e nem tinha um exército sob o meu comando. Se queriam amedrontar-me, conseguiram. Vesti-me, trêmulo, pronto para outro julgamento insano.

Chefes de estações espaciais, antigos conhecidos, acompanhados de almirantes e capitães, marcharam apresados pelos corredores da nave, formando uma comitiva de dose pessoas. Foram todos para o auditório, onde exigiram a minha presença. Embora firmes, pareciam estar constrian-

gidos. Isso eu só avalei muito tempo depois. Aqueles suores, cochichos, excessiva e desnecessária autoridade, certamente revelavam alguma culpa.

Um tal almirante Clayton tomou a palavra para propor uma saída honrosa. Disse que a minha situação em Alfa A-7 não era sustentável e afirmou que, para o meu próprio bem, eu não poderia desembarcar. Os partidários do governo anterior tinham formado um grupo radical e queriam me ver preso, imediatamente, assim que eu pusesse os pés na Estação. Além disso, havia um clima de animosidade que, certamente, colocaria a segurança das estações em perigo.

Desconfiei de alguns elogios, achando-os inoportunos e irônicos, quando o almirante confessou-se admirado do meu poder administrativo. Mostrou numa tela gráficos com desvios de verbas, especulações imobiliárias nas estações e, principalmente, o contrabando de *tiyah*, considerado pela polícia terrestre o maior de todos os tempos. Outro gráfico indicava o grande desenvolvimento das estações de Alfa Centauri A. E exemplificava: no início da colonização, eram somente duas estações e, agora havia duzentas, com mais cinquenta em construção. Era um desenvolvimento assombroso.

É claro, seus idiotas, a especiaria era a alavanca do desenvolvimento e também de outras colônias fora do sistema solar. A saída de capital terrestre atingira cifras bastante altas, a ponto de preocupar os economistas daquele planeta. Ficou claro que a Federação precisava reprimir o contrabando de *tiyah*, porque financiava a independência das colônias. E isto sim, era uma ameaça real para a Terra, e não a especiaria. Mas isto eles não falaram, é claro.

Em decorrência do exposto, embarcaram-me em outra de minhas naves de carga que fora confiscada e transfe-

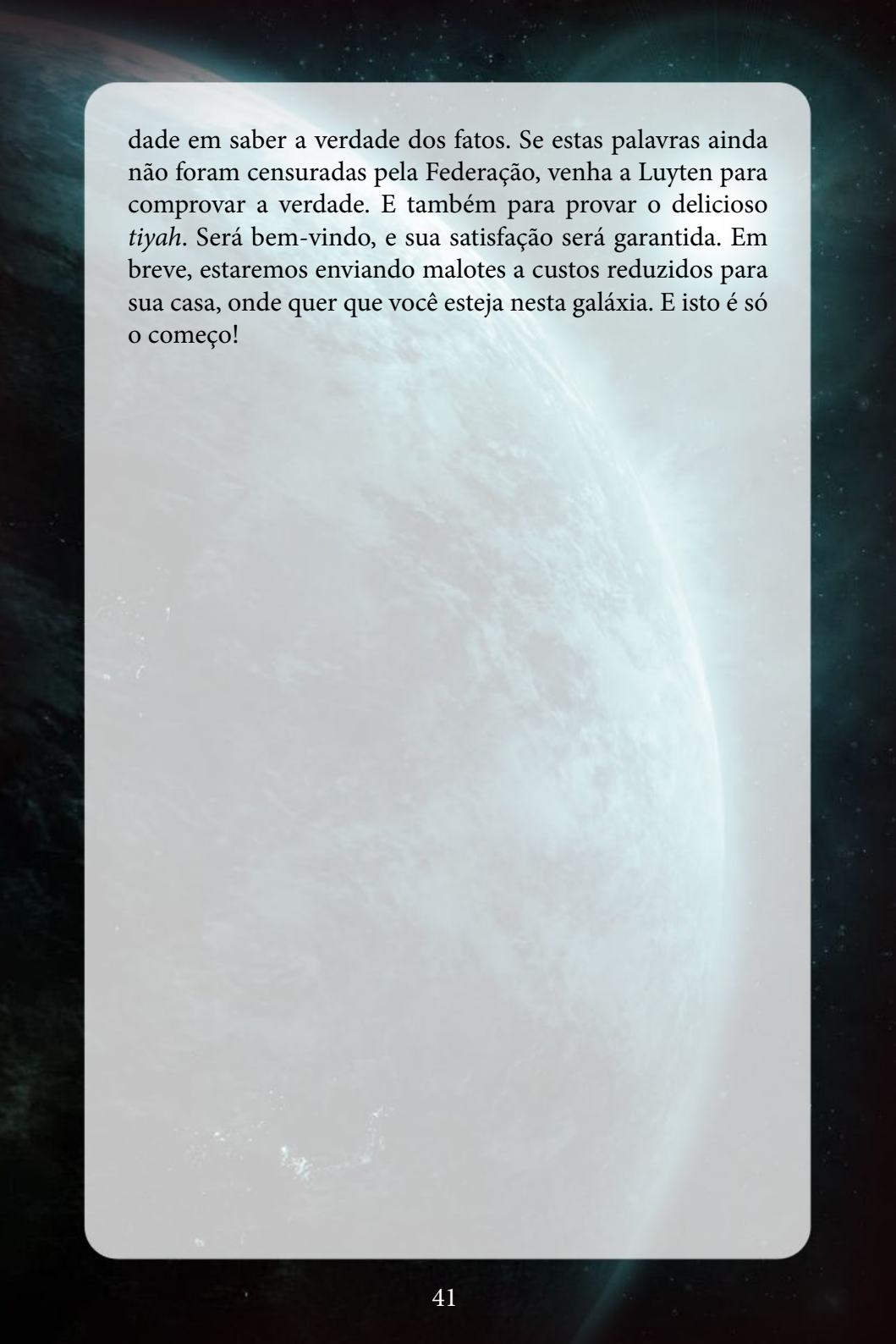
riram-me para uma estação espacial em Luyten-9, local da produção da especiaria, de onde escrevo estas memórias.

Embora livre, não podia exercer nenhum cargo político. Felizmente, deram-me um ofício que conheço bem, encarregando-me da produção da especiaria nos campos de Luyten e do seu envio para a Terra.

Aqui é um lugar ameaçador, onde as naves da Federação já foram aguardadas com muita ansiedade. Tínhamos nossas moradias em terra firme, embora a atmosfera não fosse adequada aos seres humanos e havia extração própria de combustível para colocar naves no espaço. Acostumei-me a uma vida austera, sem nenhum bem que pudesse adquirir. Fui seguido, fiscalizado e controlado de todas as formas, apesar de velho e sem muita criatividade para fugir. A gravidade é bem acima do que estava acostumado em Alfa A-7, de forma que precisei emagrecer bastante. E também levei muito tempo para obter alguma comida e água que tivesse algum gosto, o que colaborou para a minha falta de apetite. Mas, aos poucos, as coisas foram mudando.

Mesmo sob constante vigilância, sem ganhar um mísero centavo para exercer o meu ofício, pelo menos no início, minha capacidade empreendedora conseguiu organizar as atividades de cultivo e extração, modernizando a indústria da especiaria. Com muito tato, acabei fazendo uma fortuna considerada impossível, até para mim. Quando percebi a possibilidade política de assumir o poder em Luyten, liderei uma rebelião com a ajuda de vários integrantes da sociedade local. Como estamos razoavelmente isolados da Federação, conseguimos a independência. Meus negócios, agora, estão em Luyten-9, senhores, pois a especiaria está novamente proibida onde a Terra é senhora.

Portanto, se você leu até aqui, é porque teve curiosi-



dade em saber a verdade dos fatos. Se estas palavras ainda não foram censuradas pela Federação, venha a Luyten para comprovar a verdade. E também para provar o delicioso *tiyah*. Será bem-vindo, e sua satisfação será garantida. Em breve, estaremos enviando malotes a custos reduzidos para sua casa, onde quer que você esteja nesta galáxia. E isto é só o começo!

The background of the cover is a dark, monochromatic red image of an industrial facility. In the foreground, there are silhouettes of workers and complex machinery. The middle ground shows a large, rounded industrial structure, possibly a storage tank or reactor, with smoke or steam rising from it. The sky is filled with a thick layer of smoke, creating a hazy, atmospheric effect. The overall mood is somber and industrial.

SEDUÇÃO

Ricardo Guilherme dos Santos

SEDUÇÃO

Ricardo Guilherme dos Santos

Da sacada de seu apartamento, debruçada sobre a grade de proteção, Paula observava as águas marinhas avançarem lentamente até as proximidades do calçadão. Enquanto admirava a beleza das ondas, ora verdes, ora azuis, ela ajeitava os cabelos louros e esboçava um sorriso. Os olhos contemplativos copiavam as cores do oceano e refletiam o encantamento da jovem diante da imensidão que via à sua frente.

Um franzir de testa e um repentino cruzar de braços transfiguraram seu semblante numa fração de segundos: seus pensamentos, indevassáveis, eram apenas parte de seu mistério.

O vento, travesso, teimava em despentear seus cabelos. Incomodava-a; parecia querer atralhar seu flerte com o mar. Contrariada, a moça suspirou fundo e passou novamente seus dedos de leite sobre os fios ondulados. Em seguida, a mão direita buscou os óculos escuros na *nécessaire* e com eles cobriu os olhos muito claros.

A beleza dos seus vinte e sete anos pulsava em cada músculo do seu corpo. Era impossível a qualquer pessoa não notar sua presença.

Paula era desejada por todos. E não apenas em razão da beleza e da sensualidade, que lhe eram abundantes. Era magnetismo; algo animal, primitivo. Algo que estava im-

pregnado em sua essência de caçadora.

Os bruscos movimentos do ar a estavam irritando cada vez mais. Paula retrocedeu então dois passos, encostando seu corpo escultural na parede da churrasqueira. Fez careta, bufou, mas nem mesmo a ira maculava sua beleza. Uma beldade.

Parecendo intimidado por ela, o vento abrandou sua força. A brisa marinha tocou então sua pele rosada com suavidade, como quem lhe faz uma carícia. Ela deixou escapar um leve gemido. Um sorriso de prazer, malicioso, brotou em Paula. A jovem fechou os olhos, acariciou os cabelos e meneou lentamente os quadris largos, simulando uma dança sensual. Provocou suspiros inaudíveis à sua volta. Estava excitada. Abriu a blusa; exalou um perfume indecifrável. As forças da Natureza silenciaram. Contemplavam-na.

É assim que eu gosto — ela murmurou, com ares de superioridade. E tornou a debruçar-se sobre a grade de proteção, revelando parte dos seios insinuantes.

O aroma trazido pelas árvores frutíferas das redondezas penetrou em suas narinas. Paula deixou que seu olfato fosse o sentido mais aguçado naquele momento: adorava aquele cheiro! Sentindo-se dona deste mundo, bocejou longamente, abriu os braços bem torneados e espreguiçou-se com graça.

Nos prédios vizinhos, corações acelerados a observavam. Embora desprezasse os seres humanos, Paula sentia-se envaidecida por possuir tantos admiradores. Dançou novamente. Desta vez, com mais sensualidade. Sabia provocar. Enquanto sua pele ruborizava com o calor que tomava conta de seu corpo, ela iluminava seu rosto angelical com um sorriso diabólico.

Uma predadora quase humana.



Jonas há tempos não saía para pescar. Já não tinha mais a mesma força nos braços, tampouco a coragem de se aventurar novamente em alto-mar. Na sua idade, aquilo já não parecia algo esperto a se fazer. E, felizmente, não mais era necessário como meio de ganhar a vida.

Sessenta e três anos, todos eles vividos no litoral paulista. Uma pequena herança havia lhe trazido a tranquilidade financeira que em quase cinquenta anos de trabalho nem sequer chegara perto de alcançar. *A vida é mesmo muito estranha*, costumava dizer aos amigos.

Aposentado há alguns meses, Jonas agora podia dedicar-se a fazer o que mais gostava: escrever. Não frequentara a escola durante muitos anos, apenas o suficiente para ser alfabetizado. Porém, por conta própria, aprimorou seus estudos anos depois. Tornara-se um apaixonado por livros. E os devorava. Adorava mergulhar nas histórias e sentir-se como um personagem, viajando na leitura e dando asas à sua imaginação. Desde adolescente, acalentara a esperança de um dia tornar-se escritor, nem que fosse para publicar um único romance. *Um livrinho só que seja*, matutava; *um único livro e já me sentirei feliz*.

Estava sempre escrevendo poemas e algumas crônicas sobre seu universo: o dia a dia, as mulheres que amara, as belezas da praia, os mistérios das águas. Até as conversas dos outros pescadores, que ele sempre ouvia em silêncio, acabavam se transformando em pequenos textos, por vezes mesclados a certa dose de ficção.

Tudo aquilo lhe servira como experiência, como um treinamento para o romance que tanto desejava escrever. Jonas agora tinha tempo de sobra para isso. Ele desenvolvera tamanha fluência na escrita que, por vezes, deixava perplexos alguns alunos da universidade que se instalara nas proximidades de sua residência.

Faltava saber qual seria o tema central do livro.

Em sua mente, ele possuía várias ideias, mas nenhuma pela qual tivesse se decidido. Ele sabia que escrevia melhor quando estava apaixonado pelo assunto. E aquele livro — seu primeiro romance — tinha que ser especial. Portanto, precisaria ser sobre algo pelo qual ele estivesse apaixonado.

Algo, ou alguém.



Um livro na mão esquerda e a velha cadeira de alumínio na destra. Era com esses adereços que Jonas, diariamente, percorria o trajeto de quatro quilômetros que separavam sua casa da beira-mar. Às vezes, também trazia consigo um pequeno caderno e uma esferográfica azul, para, inspirado pela bela paisagem, escrever um conto ou uma crônica. Ou, quem sabe, capítulos do tão sonhado romance...

A praia ainda estava quase deserta naquela manhã. Um sol morno nascia no horizonte. Pequenas nuvens brancas pintavam timidamente o azul do céu. No seu imaginário de escritor, elas pareciam silhuetas de pequenos seres que teriam viajado incontáveis galáxias apenas para lhe dizer “olá”.

O ar estava muito sereno e transmitia uma sensação de paz que Jonas desejava absorver plenamente. Fechando

os olhos e abrindo os braços fortes e longos, ele respirava sorridente a tranquilidade do amanhecer. Enquanto uma brisa amena atingia seu rosto, no céu o ar em movimento mudava o formato das nuvens, transformando-as em figuras que lhe pareciam novas formas de vida, todas elas muito diferentes de nós, mas que, na mente prodigiosa do pescador, dividiam conosco um intrigante universo.

Jonas era mesmo um sonhador. Ingênuo e sonhador.

Ele chegara com passos tranquilos e, antes que sentisse a água tocando seus pés, abrira sua velha cadeira. Fizeram tudo com lentidão, até sentar-se confortavelmente. Já correram bastante em sua vida noutros tempos; agora, queria apenas relaxar e curtir com paixão os anos que lhe restavam. A brisa marinha cumprimentou-o e ele retribuiu com um largo sorriso. Olhou para os lados novamente. Ninguém por perto. Poderia conversar com as ondas sem ser taxado de lunático:

— Bom dia, mar amigo!

O poeta parecia especialmente animado naquela manhã. Seus olhos, que lutavam contra a presbiopia e a catarata, ainda tinham um brilho tênue. O rosto já não guardava resquícios da beleza da juventude, mas o tronco e os braços, ainda robustos, davam-lhe uma aparência mais jovem.

De repente, uma voz feminina surgiu, interrompendo os devaneios de Jonas:

— Que sorriso cativante!

Pego de surpresa, ele estremeceu. Paula sorriu:

— Nossa, não pretendia assustá-lo! — enquanto ajeitava com malícia a barra do curtíssimo vestido, a loura tocou suavemente em seu ombro esquerdo. — É impressão

minha ou você estava conversando com o mar?

Ao virar-se na direção da moça, Jonas deparou-se com um sorriso maroto, que brilhava num rosto deveras bonito. Os olhos (impossível dizer se verdes ou azuis) eram hipnotizantes. No entanto, foram outras as sensações mais marcantes para ele naquele momento: o toque delicioso das mãos daquela jovem e as formas esculturais de seu corpo. Por um instante, o experiente Jonas vacilara. Parecia em transe.

O sorriso da deusa marinha abriu-se ainda mais. Sentia-se vitoriosa, pois conquistara aquele homem usando apenas uma pequena fração de seus encantos. Paula não estava surpresa; afinal, o poder de sedução das mulheres de seu planeta era subjugador. Quando suas amigas chegassem, nas naves que em breve aportariam nos litorais da Terra, também não teriam a menor dificuldade em seduzir todos os homens do planeta. E depois devorá-los. Literalmente.

Passada a hipnose inicial, o velho pescador finalmente se recuperou. Levantou-se e cumprimentou Paula. A suavidade das mãos dela não lhe passou despercebida: era um convite ao prazer. Jonas tentou caprichar no velho sorriso, já que a bela jovem o achara cativante.

— Você não me assustou. Foi sua beleza que me deixou intimidado.

Paula gostou da franqueza, tão rara nos machos que conheceu em outras civilizações. Decidira que Jonas merecia mais de seu charme. Liberando feromônios extrassolares, a jovem aproximou-se, abraçou-o carinhosamente e beijou com suavidade suas bochechas, um tanto enrugadas pelo tempo e pela ação implacável do Sol durante décadas. Sentiu-se extremamente atraída pelo odor que o pescoço

daquele homem exalava. Ele parecia ser uma refeição e tanto... Mas Paula não podia revelar-se antes da chegada das outras Amazonas.

Ao afastar-se do corpo dele — e percebendo o quanto ele desejava que ela permanecesse ali —, Paula cuidou de ajeitar delicadamente os cabelos, certificando-se de que seu cheiro penetrara as narinas de sua caça:

— E então, conversando com Poseidon?

Enfeitiçado, Jonas sentiu-se mais tímido que de costume. Não queria, no entanto, parecer frágil:

— Sim, confesso que costumo fazer isso quando não vejo ninguém por perto. Você sabe, podem pensar que eu sou louco. [Sorrisos]. Você me pegou de surpresa. Não senti a sua aproximação.

Fora com muita dificuldade que Jonas conseguira concatenar aquelas frases. A moça era realmente linda. Havia algo um tanto demoníaco nela, que o fazia querer sentir-se dominado. E a audácia da garota o surpreendia cada vez mais. Agora, ela trazia novamente seu corpo para junto do dele. Sem rodeios, começou a lhe acariciar o tórax e a beijar-lhe a face e os lábios. Primeiro, com doçura; depois, com completa devassidão. Em instantes, os dois corpos estavam em brasa. Jonas jamais sentira tamanho prazer.

Os braços da moça adornavam-lhe com suavidade os ombros e o pescoço, enquanto as mãos acariciavam as têmporas e a nuca. As coxas roçavam com volúpia nas dele e os seios — ah, os seios! — se projetavam sobre ele, quentes e macios, desafiando seu autocontrole. Parecendo obedecer aos desejos da beldade, o vento balançava levemente seus cabelos, fazendo com que eles tocassem o rosto de Jonas, provocando ainda mais seus sentidos. O poeta, já quase em

êxtase, abraçou com força a cintura tão bem torneada, enquanto buscava a região lombar daquela incrível fêmea. Um perfume inebriante foi exalado do corpo dela, fazendo com que ele quase perdesse os sentidos.

Era um massacre.

Ele tentou reagir, mas mostrou um vigor físico em franco declínio. Suas mãos, um pouco descoordenadas, procuravam sentir os quadris largos da moça, Tateando-os com um incontrolável desejo. Paula percebeu que ele a despiu com os olhos e lhe lançou um olhar malicioso e [muito] convidativo. Jonas, esquecendo-se de que a praia não estava completamente deserta, começou a tirar o vestido da beldade, mas foi interrompido por uma dor visceral.

O pescador começou a contorcer-se, emitindo gemidos que indicavam profundo sofrimento. Ele quase urrava. Desvencilhara-se dela, a contragosto, e agora estava agachado ao chão. Tremia e tinha o rosto desfigurado. Por longos minutos, pareceu metamorfosear-se em um homem bem mais velho.

Ou o prazer fora maior do que ele podia suportar, ou algum poder desconhecido o afetara.

Paula o observou com impressionante frieza. Depois, sentou-se na areia e acariciou os cabelos ralos de sua presa. Olhando-o fixamente e com repentina piedade, ela então notou que Jonas, com o indicador de sua destra, apontava uma direção ao fundo daquele belo cenário litorâneo. Quando os olhos claros e brilhantes de Paula notaram o que começava a acontecer próximo à linha do horizonte, a moça sentiu seu corpo vibrar. Em sua caça, a aparição provocara dores profundas; na alienígena, uma intensa sensação de poder fora saboreada.

De formas antagônicas, ambos ficaram transfigurados, porém em Paula a transformação durou apenas alguns segundos. A pele dela tornou-se mais viçosa e levemente azulada. Os olhos faiscaram de forma vibrante, denunciando sua faceta inumana. Jonas, porém, castigado pelas dores e pela fragilidade que o abatera, não percebeu.

Ajudando o homem a erguer-se, a jovem observou o fenômeno ao lado dele. Sobre as montanhas que delimitavam a praia do Forte, na cidade paulista de Praia Grande, descia no azul do céu, em meio a nuvens esverdeadas, um gigantesco objeto, de formato cilíndrico e cores escuras. Era feio, soturno, sem brilho, mas impressionava pela magnitude. Jonas diria que aquilo era um míssil de proporções gigantescas, se a velocidade não estivesse diminuindo sensivelmente conforme se aproximava do oceano.

Na verdade, tratava-se de uma, dentre muitas naves que estavam chegando de um sistema estelar não muito distante daqui. As embarcações alienígenas estavam repletas de mulheres belas e insaciáveis, que se alimentavam dos fluídos corporais masculinos, sugando-os por completo. Paula era apenas uma das voluntárias que haviam sido selecionadas, anos atrás, para habitarem a Terra e emitirem relatórios periódicos sobre os homens de nosso planeta. Cumprira fielmente sua missão.

Cansada de se sustentar com nossos alimentos insossos, a sereia do espaço suportara por muito tempo a privação de sua dieta preferida. Felizmente para ela, esses tempos de vacas magras logo ficariam para trás. Afinal, suas amigas estavam chegando, o que significava que em breve seria emitida a senha para o início do banquete.

Enquanto o estranho engenho parecia mirar um determinado ponto ao fundo do oceano, nas águas da praia

de Vila Guilhermina, os garotos que chegavam às proximidades iniciaram uma gritaria. Um deles tinha nas mãos um celular, e com ele parecia filmar o acontecimento.

— Jesus, o que é aquilo? — dizia um menino de ascendência oriental, que em seguida saiu em disparada, dizendo que chamaria *mais gente*.

Nesse ínterim, o objeto mergulhou no oceano. As poucas pessoas que estavam na praia ficaram em silêncio, atônitas, ao mesmo tempo em que seus cérebros tentavam processar o que estava acontecendo.

Após o completo restabelecimento de Jonas, Paula interrompeu o silêncio, procurando distraí-lo:

— Como é o seu nome?

— Hã? — vacilou ele, ainda em transe.

A moça sorriu. Jonas contemplou seu rosto: há instantes, ela parecia quase diabólica; agora, seu sorriso doce dava a ela uma aparência angelical. Uma inconstância que fazia o velho coração de Jonas bater descompassadamente.

— Seu nome, moço. Não gosto de trocar carícias com desconhecidos — disse a deusa, com as mãos em sua cintura delgada. — O meu é Paula.

— Jonas, muito prazer.

Finalmente esboçando um sorriso, ele prosseguiu:

— Muito prazer mesmo!

Ela gargalhou. Já não era mais um anjo, mas não parecia malévola. Aparentava agora algo diferente. *Uma sereia*, pensou o pescador poeta. *É isso que ela deve ser!*

Em linhas gerais, ele não estava errado.

A grande diferença estava na dieta da moça.



Em questão de minutos, algumas pessoas, que talvez já acompanhassem o acontecimento em suas residências, começaram a povoar aquela região da praia. Quase todas traziam consigo celulares, máquinas fotográficas e/ou filmadoras. Conversavam alto, tensas. Enquanto as observava, Jonas tomara a iniciativa de abraçar a cintura de sua Partênope. Necessitava daquele corpo junto ao dele.

— Você observou com atenção quando aquela coisa estava entrando no mar? — questionou.

— Cada fração de segundo — ela respondeu, dissimulada. Em seguida, Paula afastou-se um pouco e desvencilhou-se do abraço, esperando a reação de Jonas. Queria jogar com ele, divertir-se um pouco. Para ela e suas patricias, tudo não passava de um jogo. Um jogo de poder e sedução, que culminava num banquete delicioso.

— Não levantou uma gota de água sequer — ponderou Jonas.

Ela olhou para ele com vivacidade. Sabia muito bem o quão estranho era aquilo.

— Qualquer objeto que entra na água provoca muitos respingos — comentou, fingindo inocência.

— Ainda mais um tão grande quanto aquele — ele completou.

— Você é um bom observador, Jonas — disse a alienígena, reaproximando-se e deixando-se abraçar.

Sentindo-se entorpecido pelo calor que emanava do

corpo da jovem, ele procurou se controlar. E brincou:

— Paula?

— Sim?

— E você?

— O que tem eu?

Com um ar sedutor, Paula beijou-lhe a testa com doçura, contendo sua devassidão. Jonas fechou os olhos, absorvendo com paixão o carinho fingido. E completou:

— É desse planeta?

Pela primeira vez desde que chegara à Terra, ela gelou. Embora soubesse que Jonas nem sequer desconfiava de sua verdadeira identidade, não pôde evitar um instante de desconforto.

Recompondo-se em seguida, ela gargalhou. O inocente Jonas perguntou-se como ela conseguia gargalhar daquela forma tão debochada sem perder um décimo de seu charme. A loira abraçou então aquele homem, que, apesar de ter perdido a juventude há décadas, lhe parecia tão atraente.

Mais um beijo. Agora, nos lábios. O tempo parou. Naquele momento, eles eram os únicos na praia que não estavam com suas atenções concentradas nas águas.

Pelo menos enquanto durasse aquele beijo.



Como bem sabia Paula, aquele não fora um fenômeno isolado. Em todas as regiões litorâneas do mundo, incidentes semelhantes foram relatados. E não fora apenas isso. Dias

depois, pessoas ao redor do globo disseram notar que uma espécie de energia emanava das águas marinhas e ascendia até as nuvens. Relataram que a aparição tinha um formato helicoidal e um discreto tom esverdeado. Muito tênue, mas perceptível aos olhares mais atentos. Depois desse evento, começaram a ocorrer interferências no funcionamento de grande parte dos aparelhos eletrônicos existentes no planeta. Resultado: o fato de alguns *hobbies* terem sido afetados por essa pane era o menor dos problemas. A humanidade tinha apreensões muito maiores, que estavam relacionadas à precariedade das comunicações e ao mau funcionamento dos sistemas de navegação.

Apesar da inconsistência dos sinais de rádio e TV, às vezes era possível sintonizar algumas emissoras. Nesses momentos, o que mais se ouvia era a tese de que as interferências nos aparelhos eletrônicos teria mesmo sido causada pela energia que surgira dos mares da Terra. O termo do momento era *PEM* — *pulsos eletromagnéticos*.

O pânico começou a se espalhar quando a teoria sobre uma possível invasão alienígena ganhou destaque. Os mares do mundo foram vasculhados, porém de maneira precária, pois os equipamentos com tecnologia mais avançada eram exatamente aqueles que mais sofriam com as estranhas interferências. Modernos caças das Forças Armadas Brasileiras, recentemente adquiridos num demorado processo licitatório, tentaram sobrevoar o litoral sul paulista, mas os pilotos foram traídos pelos instrumentos e os caças espatifaram-se em alto-mar.

Os mais alarmistas enxergavam as interferências nos aparelhos eletrônicos como uma tática *pré-dominância*. Para eles, tratar-se-ia de uma maneira de reduzir as possibilidades de comunicação e defesa do inimigo. E, a bem da verda-

de, a Terra realmente havia ficado vulnerável.

No mundo inteiro, as respectivas Forças Armadas tentavam mostrar sua presença nas ruas, procurando transmitir à população uma sensação de segurança. As áreas litorâneas eram as mais protegidas. A rotina nessas regiões mudara radicalmente. Parecia que as cidades estavam em guerra. Até mesmo a distribuição de alimentos ficara a cargo do Exército.

Paula, a beldade alienígena, entrara em contato diversas vezes, desde as aparições, com as outras amazonas de seu planeta. Não houve qualquer dificuldade nessas comunicações, pois seus equipamentos dispunham de uma tecnologia que os tornava imune à ação dos pulsos eletromagnéticos. Ela e suas patrícias estavam se organizando sorrateiramente, acertando todos os detalhes. Dentro de três dias, colocariam em execução seus planos macabros. Os homens seriam sequestrados, subjugados e finalmente devorados, até não restar uma gota de fluído corpóreo. As mulheres da Terra — suas rivais — seriam executadas em massa, sem piedade. Depois disso, nosso planeta já não lhes ofereceria atrativo algum e seria abandonado. A propriedade deste pequeno mundo azul ficaria para os demais seres que o habitam.

Jonas, o bom e ingênuo pescador, já estava completamente apaixonado e entregue à dominação exercida por Paula. Ele perdera a conta de quantas vezes experimentara o sentimento de estar apaixonado. Nunca, todavia, apaixonara-se por alguém que estava vivenciando uma faixa etária tão diferente da sua. E jamais havia se sentido tão sugado pelas sensações — físicas e emocionais — que lhe despertava a sedutora alienígena. Era, ao mesmo tempo, algo doce e subjugador.

Com o passar dos dias, a paixão foi se transforman-

do em amor no coração de Jonas. Ver sua deusa passou a ser uma necessidade, como se seu corpo tivesse encontrado nela uma espécie de vício: Jonas tornara-se dependente de Paula. Aquela jovem sensual parecia estar sempre no comando, mesmo quando bancava a moça ingênua e carente. Graças a Paula, sua inspiração de poeta e escritor havia se intensificado. Depois de alguns poemas dedicados a ela, ele finalmente começara a escrever seu tão sonhado romance. Ela, é claro, seria o personagem central. Mal sabia ele, no entanto, que talvez não vivesse o suficiente para ir além dos primeiros capítulos.

Para surpresa de Paula, Jonas encontrara maneiras de satisfazê-la sexualmente, proporcionando à jovem um prazer sereno, duradouro, que ela gostava de curtir sem pressa e sempre sem medo algum. A loura sabia que, por mais que se entregasse, jamais se sentiria presa a ninguém. Todavia, já não tinha certeza de que aquilo fosse uma vantagem sobre os outros seres ou uma espécie de maldição. Talvez a solidão fosse a sina das mulheres de seu planeta.

— *Uma pena que daqui alguns dias eu tenha que devorá-lo. Gostaria de ficar mais tempo com ele, mas a fome está me consumindo* — murmurava Paula, enquanto telepaticamente convidava sua caça para assistir a um vídeo em seu apartamento. Sua ascendência sobre Jonas tornara-se tão grande, que bastava desejar sua presença para que ele viesse ao seu encontro. Seria seu último momento romântico com o pescador, pois se aproximava o momento de se deliciar com o sabor de seus fluídos corporais. Queria curtir até o último momento mais um pouco daquela doce ternura, antes que o animal impiedoso que existia dentro dela recebesse de suas comandantes o sinal verde para abater o bom homem.

Por um instante, a fria alienígena quase se emocionou. Só por um instante.



Minutos depois, o improvável casal estava no apartamento adquirido pela alienígena no bairro da Aviação. Mais precisamente, na namoradeira da sala. Jonas, embora concentrado na sensualidade que emanava de Paula, quase percebeu o sentimento de culpa que ela tentava sufocar.

Com um olhar indecifrável, a loura juntou forças, soltou os cabelos e pousou suas mãos sobre os ombros de Jonas. Os seios, fartos e à mostra, pressionaram seu tórax, acelerando o velho coração do poeta. Os lábios macios da beldade tocaram os dele com suavidade. O perfume doce que a jovem emitia irradiou-se no ambiente, enquanto ela o beijava e murmurava em seus ouvidos mantras de dominação. Um bailado de carícias, vindo das mãos suaves da garota, o seduzia de forma branda, porém impiedosa. Seus olhos o hipnotizavam, enquanto o calor de seu corpo o fazia estremecer. Aos poucos, as sinapses de Jonas foram se entorpecendo, até perder o controle de seus sentidos. Alguns minutos depois, ele atingiu o extremo do prazer.

Paula apenas o observava. Seus olhos pareciam marejados. Seu sorriso — hábil arma de conquista — agora parecia um tanto embotado.

Será que estou triste porque em breve irei me servir de minha presa? Não, não, de jeito nenhum! Foi apenas um breve momento de fraqueza! — refletiu Paula, um tanto confusa.

Contendo as primeiras lágrimas que ameaçavam sair de seus olhos, a alienígena recompôs-se uma vez mais, de-

cidida a não mais fraquejar. Sua soberba de caçadora jamais lhe permitiria admitir que estava se apaixonando por um velho terráqueo.

Vencido pelas carícias da loura deslumbrante, não demorou muito para o poeta cair de joelhos no tapete da sala. Estava completamente subjugado e pronto para o abate. Mas ainda não havia chegado a hora.

Em breve, porém, Jonas seria a primeira refeição das amazonas de *Gliese 581 g*. E Paula teria a honra de celebrar o banquete. Para aquelas garotas vorazes, que haviam viajado mais de vinte anos-luz para se deleitarem com os fluídos masculinos, a passagem pela Terra não significava nada além de um passeio gastronômico.

Tecnicamente, não era uma invasão. Mas não havia defesa.

Na arte da sedução, elas eram invencíveis.



RESENHAS

Uma aventura da vampira Kaori

KAORI E O SAMURAI SEM BRAÇO

por Tatiana Jiménez Inda



Já li Kaori: Perfume de Vampira e Kaori 2: Coração de Vampira, assim como o conto da vampira perfumada Dragões Tatuados em Amor Vampiro. Me considero fã da Kaori e da sua criadora. Portanto, minha vontade de ler Kaori e o Samurai Sem Braço já existia logo no momento em que Giulia Moon anunciou o projeto da obra. Acompanhei cada novidade, sempre as compartilhando aqui no blogue.

Este livro não é o Kaori 3; é um complemento fascinante para os fãs da série. Quem já leu as aventuras da Kaori

terá em mãos um livro que além de muito interessante é um bônus, respondendo algumas questões e selando alguns detalhes.

Quem nunca leu nada sobre a série também pode ler este livro sem nenhum problema ou dificuldade, pelo contrário: talvez seja uma excelente introdução ao mundo de Kaori e à escrita perfeita e cheia de frenesi da Giulia. Pode ser um ótimo aperitivo para descobrir como a autora criou um mundo fantástico próprio e um estilo de história original.

A capa mantém o padrão dos outros livros da série, com o lindo ideograma, o Kaori em destaque e um desenho no fundo bem suave.

Dessa vez, existe uma atração a mais: Ilustrações inaugurando cada um dos dezesseis capítulos, prólogo e epílogo, ou seja: são dezoito belíssimas ilustrações em preto-e-branco feitas pela própria autora simbolizando cada acontecimento que está para ser lido, sem spoilers, apenas para aguçar nossa curiosidade.

Os desenhos são lindos e enfeitam o livro. Na verdade o próprio texto já cria curiosidade por si só.

Um enfeite a mais: a cada primeira página de capítulo uma marca d'água à esquerda que é o mesmo desenho presente no fundo da capa. Um charme. O livro graficamente falando é maravilhoso. Todas as ilustrações possuem molduras que sombreiam as costas da página.

A Giz Editorial está de parabéns pelo trabalho desta bela obra. Diagramação, revisão e organização perfeitas. E a qualidade do material físico é excelente.

Um detalhe que me chamou a atenção é a bela dedicatória da Giulia para a sua avó que lia para ela “livros

coloridos cheios de lendas estranhas e exóticas de uma terra longínqua, chamada Japão.” Além de emocionante, Giulia conseguiu reproduzir exatamente esse ar folclórico japonês desconhecido para a maioria dos brasileiros em sua série Kaori. Especialmente em Kaori e o Samurai Sem Braço.

Este é, sem dúvidas, o livro de Kaori que mais possui essa excentricidade e mistério que histórias do outro lado do mundo possuem. Comparando com as outras aventuras de Kaori, esta é a mais centrada nas lendas e folclore japonês. Por isso o livro foi uma leitura tão maravilhosa quanto a dos outros, mas de uma forma especial, já que Giulia colocou Kaori no meio de fábulas e apresenta ao leitor personagens do folclore japonês - tema totalmente desconhecido para mim. Eu aprendi tanto com o livro, e ao mesmo tempo me diverti muito!

A narrativa é em terceira pessoa e o livro se inicia no presente, antes de Kaori 2.

Assim como parte dos lucros e direitos autorais do livro são destinados às organizações humanitárias que auxiliam vítimas de catástrofes naturais, o ponto de partida é o desastre ocorrido no Japão em 2011. A partir disso, Kaori relembra outro terremoto, este ocorrido em 1782 na cidade de Odawara.

Nessa época, Kaori ainda não era a vampira confiante, fatal, sedutora e elegante que conhecemos. Ela era uma jovem vampira maltrapilha que vivia se escondendo, ainda carregando a dor do passado e o medo de ser atraente e bela. Ela se esconde e apesar de mortal e hábil, ainda não possui consciência do fascínio e poderes que pode incitar às pessoas (ou outros seres!). Estava muito curiosa para viajar ao passado e rever Kaori com pouca experiência.

Durante a leitura, entre um acontecimento fantástico e outro, Kaori vai mudando, criando um fio parte da confiança tão característica dela e evoluindo. Tudo aos poucos e adorei que a Giulia tenha pensado nisso, em beneficiar os seus leitores com a mudança tão íntima ocorrida na protagonista.

Embora seja a estrela, assim como nos outros livros, ela divide a cena com personagens únicas, marcantes e diferentes. Obviamente não ofuscam a presença da Kaori, mas complementam a trama.

Dessa vez, duas personagens acompanham Kaori: a kitsune Omitsu, a mulher-raposa e o samurai sem braço Miguitê-no-Kitarô. Eles e a kyuketsuki Kaori formam um trio um tanto intrigante e destoante: uma raposa dourada mística, uma vampira perfumada e arisca e um samurai de um braço só misterioso. Cada um com sua personalidade e segredos. As relações entre eles são um dos pontos fortes do livro e prende a atenção do leitor, pois nunca se sabe como eles irão interagir.

Eles se encontram e até enfrentam muitos seres fantástico, bakemonos (monstros) e demônios - todos recriados pela autora a partir de mitos japoneses.

E a estrutura do livro é peculiar em seu funcionamento: embora cada capítulo seja a continuação do outro, cada um ou um pequeno conjunto deles é uma aventura a parte. Em cada aventura algo diferente acontece, personagens bastante exóticas e assustadoras cortam o caminho do trio.

O livro funciona como uma única história, com início, meio e fim, porém com várias aventuras menores ocorrendo enquanto Kaori, Omitsu e Kitarô seguem seu trajeto e sua busca pelo acontecimento principal e maior do livro.

Outro destaque é a figura onnagata - totalmente desconhecida para mim. O fascínio e impacto que a personagem causa nas pessoas ao redor, sua aparência e talentos peculiares aparecem na história e foi algo muito diferente. Assim como tantos outros seres e pessoas.

Nem senti falta da arqui-inimiga da Kaori durante a leitura, como pensei que fosse ocorrer. Existe um vilão principal e tantos seres maléficos e vilanias ocorrendo que as páginas passam.

E lembrando que algumas coisas se ligam aos outros livros.

Existe muito da cultura japonesa presente, desde palavras, objetos, alimentos, vestuário, seres e hábitos. Tudo é explicado de forma natural, utilizando o próprio contexto e fato momentâneo ou com simples e essenciais explicações no rodapé. Informações que eu jamais teria visto em outro lugar, não de forma tão divertida. Por exemplo, vocês sabem o que é a “hora do boi”, um “kanabô”, o “Fumizuki” ou “inarizushis”? Existem oitenta e sete observações de rodapé, seja com explicações ou significados de palavras japonesas ou observações sobre o mundo de Kaori. Desde palavras mais simples e conhecidas no ocidente como “samurai” ou “katana” até as mais complexas. Até palavra eu aprendi. Eu adorei!

E o que mais gostei, além de conhecer outras personagens, receber peças do quebra-cabeça da saga central e conhecer uma Kaori diferente e acompanhar a sua transformação, foi o Japão místico feudal! O ar medieval, antigo e ainda por cima de uma terra tão diferente, tão distante traz excelentes e magníficas cenas. Os seres folclóricos e os hábitos do passado japonês são imperdíveis. Além do leitor aprender bastante sobre outro povo e sua cultura, aprende

Uma aventura da vampira Kaori

também um pouco de seu passado e folclore.

Com certeza mais um livro original, criativo, impactante e inteligente para complementar a história da Kaori!

Única reclamação: o livro deveria ser mais longo. Brincadeira! Compreendi que a intenção da Giulia foi contar uma parte da vida da Kaori que era uma incógnita em formato de fábula e recheada de fantasia e magia japonesa - uma combinação apaixonante.

Todas as características da escrita da Giulia estão presentes, como o vocabulário vasto, cenas de ação recheadas de adrenalina (e algumas de sensualidade), seres mais que fantásticos e acontecimentos interligados. A novidade se encontra numa Kaori que ainda está se descobrindo e na aura de fábula que o livro possui do início ao fim. Um livro mágico.

(extraído de www.leitoraviciada.com , o blog da Leitora Viciada)

KAORI

e o Samurai Sem Braço

Giulia Moon

A. Z. CORDENONSI
**DUNCAN GARIBALDI E A ORDEM DOS
BANDEIRANTES**

por Daniel Borba



Lançado em 2012 pela Editora Underworld, Duncan Garibaldi e a Ordem dos Bandeirantes, de A. Z. Cordenonsi, conta as aventuras de dois garotos, amigos inseparáveis, que veem a vida calma e pacata que vivem no interior do Rio Grande do Sul virar de pernas para o ar, quando se deparam com uma trama que envolve sociedades secretas e entidades sobrenaturais.

Os garotos, Duncan e Joaquim, ganham a companhia



Editora
Underworld

A.Z. CORDENONSI

de Elisabete, a fantasmilha cheia de atitude de uma garota brutalmente assassinada, e Nicolau, um cavaleiro de uma ordem secreta que deveria estar extinta há muito tempo. Juntos, devem descobrir os segredos por trás do paradeiro da Chave Cristalina, um artefato antigo e misterioso, sobre o qual repousa o destino do mundo.

Durante suas aventuras, este inusitado quarteto se depara com ghouls assassinos, um gigantesco e malvado tarataranho, e um assassino sem escrúpulos com um chapéu de ferro. Isso sem contar os valentões da escola, que adoram atormentar os garotos.

O livro é uma fantasia destinada ao público infanto-juvenil, mas que certamente deixará satisfeitos leitores de todas as idades. O autor criou uma trama interessante e cheia de reviravoltas, numa narrativa bem humorada e envolvente.

Não é só a aventura que chama a atenção no romance. A narrativa toda tem um clima bucólico, mostrando a vida pacata do interior, um choque de culturas. Ao mesmo tempo em que os garotos se veem forçados a lutar contra entidades malignas, aquela vidinha pacata do interior segue seu ritmo, quase que de modo inabalável.

As descrições são precisas e bem feitas, misturando fatos históricos e fictícios, apresentando ao leitor um pequeno distrito da cidade gaúcha de Santa Maria. Os garotos têm uma vida simples, com café da manhã em família, vão a pé para a escola e brincam o tempo todo na rua. Nessa cidade quase “de mentirinha”, eles ficam até tarde na rua, trocam mensagens em código e se divertem com brincadeiras de criança. Justamente por causa disso tudo, a história é meio que atemporal. Poderia ter sido contada cinquenta anos atrás, e poderá ser contada daqui a outros cinquenta anos.



Editora
Underworld

A. Z. CORDENONSI

O resultado é um sentimento delicioso durante a leitura, aquela sensação de “Sítio do Pica-Pau Amarelo” ou “Montanha Encantada”, livros que marcaram muitas gerações. Uma vontade de estar lá, fazer parte da aventura, e um sentimento de vazio quando o livro acaba.

O livro apresenta alguns pequenos deslizes. Muitas vezes, os momentos de maior ação, ficam de certa forma estabnanados e a narrativa se perde um pouco, obrigando o leitor a reler um ou dois parágrafos para entender quem está fazendo o que. Isso incomoda um pouco, mas não tira o brilho da história. O que fica da leitura de Duncan Garibaldi e a Ordem dos Bandeirantes é a narrativa alegre e, ao mesmo tempo quase intimista, misturada a uma envolvente trama de aventura.

Este é o primeiro romance do autor, um professor universitário que vem publicando com regularidade em algumas antologias. Se alguns de seus contos já mostraram uma qualidade acima da média, a primeira aventura de Duncan Garibaldi mostra que A. Z. Cordenonsi é um talento promissor, com fôlego para muito mais.

Que venham as próximas aventuras!

E A ORDEM DOS BANDEIRANTES



Editora
Underworld

F Á B I O M. B A R R E T O

FILHOS DO FIM DO MUNDO

por Clinton Davisson



Como seria o fim do mundo e como você reagiria se quando ele acontecesse? O ser humano pensa nessas questões desde que o mundo é mundo. A lista das causas da tragédia que levaria ao fim da humanidade é extensa: cometas, aquecimento global, superpopulação, zumbis, falha na camada de ozônio, efeito estufa, guerra nuclear, invasão alienígena, etc, etc, etc...

Em seu livro de estreia o jornalista Fábio M. Barreto não foca na causa, mas nos efeitos da catástrofe sobre a hu-

Fantasia manidade, quando todas as crianças recém-nascidas e com menos de um ano morrem sistematicamente. Os cientistas ficam perdidos por não conseguirem determinar a causa da tragédia e, pior, descobrem que a praga se estende a toda a vida animal. Sem conseguir produzir filhos, a raça humana está condenada a extinção inevitável.

Como no realismo fantástico de autores como Gabriel García Márquez, José Saramago e Neil Gaiman, a premissa absurda é abordada de forma impecavelmente realista. O leitor, assim como os personagens, não tem escolha a não ser encarar o surreal da melhor maneira possível. Os protagonistas, aliás, não tem nome, apenas função: o General, o Editor, o Blogueiro, o Padre, o Engravatado e, finalmente, o Repórter, o personagem principal que, para nosso desespero, é casado e A Esposa, está grávida. Sendo assim, ele precisa urgentemente descobrir um modo de evitar que sua futura filha seja mais uma vítima da praga exterminadora de recém-nascidos. Sem nomes para se apegar e se sentir confortável, o leitor acaba aprisionado em uma narrativa claustrofóbica e cheia de urgência onde a questão ética da sobrevivência é discutida incansavelmente, algo muito comum em histórias que envolvem o colapso da sociedade, vide *The Walking Dead*.

A novidade é exatamente a abordagem pelos olhos de um jornalista. Com a experiência de cinco anos nos EUA como correspondente internacional, Fábio M. Barreto imprime uma sequência de discussões sobre a ética jornalística quando o governo (não é especificado o país) resolve simplesmente “fechar” a Internet sob a alegação de “evitar pânico” causando exatamente o efeito contrário. Não precisa ser jornalista diplomado para se deliciar com essas passagens, a situação remete à Ditadura Militar brasileira que durante anos usou a censura de ideias e pensamentos, investindo em

“pão e circo” para o povo (a ideia de um governo investindo em filmes pornôsoa igualmente surreal nos dias de hoje). No livro, o corte das comunicações leva ao caos e o governo não se dá conta disso, preferindo culpar terceiros, o que me fez lembrar muito meus primeiros anos de jornalismo, quando, por várias vezes, vi serviços públicos e empresas culparem a imprensa por “manchar” sua imagem.

Algumas passagens considereei exageradamente longas, o que atrapalha o ritmo de urgência da história. O Repórter vai encontrando respostas enquanto se mete em algumas confusões ao acompanhar os desastrosos militares. As poucas respostas, no entanto, nunca aparecem de maneira didática e clara, o que vai fazer a alegria dos fãs de Arquivo X e Lost, mas o que funcionaria em uma série de tevê ou até em um filme, pode tornar o livro um pouco cansativo.

Uma das melhores coisas do livro para mim está nos diálogos sempre muito dinâmicos e a maioria das vezes carregados de humor que dão um contrapeso a um livro que, afinal, fala de uma tragédia de proporções bíblicas. O humor também é oportuno e brinca com clichês do gênero de maneira brilhante.

A resolução é dramática e arrebatadora, o caos se instala de vez e a sociedade explode em violência quando a “cura” para o mal que assola a humanidade se encontra em local inacessível para a maioria. Resta ao Repórter retornar à família e esperar o parto da filha enquanto a sociedade entra em colapso. A mensagem é que o desespero pode ser o maior inimigo da raça humana e que sempre, sempre deve haver esperança.

Apesar de não entregar as respostas de bandeja, o livro é uma história fechada, sem ganchos ou apelos para continuações. Existem brechas para que cada leitor dê sua

interpretação, mas isso não é feito de maneira preguiçosa, as opções estão lá, oferecidas pelo autor com elegância, mas de forma que obrigue os neurônios a funcionarem.

Lançado no início de 2013 pela Editora Casa da Palavra, o grande trunfo de *Filhos do Fim do Mundo* talvez seja a qualidade da prosa. Eu confesso que, de um jornalista, esperava um texto mais coloquial e simplório. Não se trata de um texto floreado artificialmente, de alguém que recorria a um dicionário para encontrar palavras difíceis, o cara escreve bem mesmo.

Em tempos onde o Brasil se vê às voltas com revoltas populares de uma sociedade cansada de uma sucessão de governos preguiçosos e incompetentes, *Filhos do Fim do Mundo* acaba se tornando uma surpresa oportuna, longe de ser oportunista.

Clinton Davisson é jornalista, escritor, professor, músico, chargista e presidente do Clube de Leitores de Ficção Científica do Brasil.

Maria Helena Bandeira

19?? - 2013



MARIA HELENA BANDEIRA

Perfil biográfico

*Quando o sol estiver menos intenso
E eu mais cheia de sombras
Vou procurar unicórnios no jardim
E vou achar que a vida tem sentido
Mesmo assim.*

(Maria Helena Bandeira, Unicórnios no Jardim)

Maria Helena Bandeira, carioca de nascimento, tinha formação em jornalismo, mas sua atuação deu-se nas áreas das artes plásticas, poesia e literatura, com destaque nos gêneros policial, ficção científica e fantasia.

Como poetisa, publicou um único livro de poemas, *Borboleta no Chapéu*, e deixou inédito o título *Unicórnios no Jardim*.

Criou e participou de vários sites, dentre os quais: *Ovo Azul Turquesa*, *Coração Suburbano*, *Oficina de Escritores*, *Anjos de Prata*, *Café com Girafas*, *Tom e Amigos*.

Participou da edição brasileira da Isaac Asimov Ma-

gazine na década de 1990, com o conto “Eu Mesmo”, sua estreia no gênero FC. Desde então, publicou em vários fanzines e revistas, como Somnium, Scarium, Blocos, além de antologias e coletâneas como Paradigmas 1 (Tarja, 2009), Cyberpunk: Histórias de um futuro extraordinário (Tarja, 2010) e Space opera (Draco, 2011), FC do B: Panorama 2006/2007 (Corifeu, 2008), FC do B: Panorama 2008/2009 (Tarja, 2009), Portal Stalker (2009), Portal Fundação (2009), Portal 2001 (2010) e Portal Fahrenheit (2010), Antologues (Portugal), Grageas (Argentina) e O planeta das traseiras (Portugal).

Teve participação ativa no grupo Oficina de Escritores-OE, lista de discussão virtual fundada por Douglas Araújo em 2000 e que congrega vários escritores e aspirantes num exercício quase cotidiano de escrita e avaliação mútua. Nela, Mhel – como era carinhosamente chamada – liderava a Oficina sem cargo oficial, estimulando os novos talentos e animando os veteranos. A todos ouvia com atenção e procurava sempre ressaltar o melhor do trabalho de cada um.

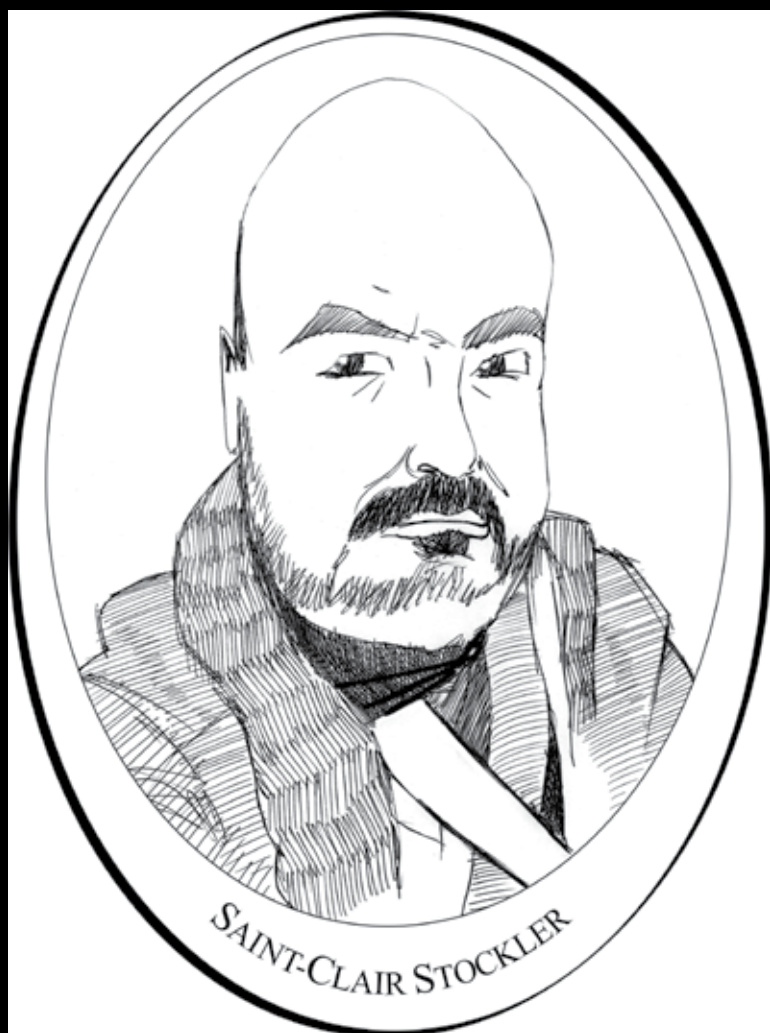
Lançou o seu único livro de contos “Opções Imperfeitas”, na coleção comemorativa de 10 anos da Oficina de Escritores – OE, com trabalho de FC, fantasia e realismo.

Era sobrinha-neta do poeta Manuel Bandeira, que segundo ela própria, foi uma influência literária e afetiva em sua vida.

Ilustração e perfil por Fábio San Juan, colega de Maria Helena Bandeira na Oficina de Escritores – OE.

Saint-Clair Stockler

1972 - 2013



SAINT-CLAIR STOCKLER

Perfil biográfico

Saint-Clair Stockler era mineiro de Cambuquira, uma cidadezinha no Circuito das Águas com pouco mais de doze mil habitantes. Logo aos oito anos, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde viveu o resto de sua vida.

Mestre em literatura, era professor de francês, revisor, e guru de diversos autores iniciantes. Organizou algumas coletâneas, com destaque para os volumes 1 e 2 da série Imaginários, ao lado do amigo Tibor Moricz, pela Editora Draco. Escreveu um livro de contos, *Dias Estranhos*, que não chegou a ser publicado. Há diversos contos seus publicados em antologias, tanto virtuais quanto em papel.

Confessava ser politicamente incorreto e avisava aos que o procuravam: esteja preparado! Mas seu jeito ao mesmo tempo crítico e irreverente, ao invés de ofender, cativava quem se aproximava dele.

Era um contista talentoso e promissor. Classificava seu próprio trabalho como “barroco” e acreditava que, num conto bem escrito, o menor caminho entre dois pontos nunca é uma reta.

Saint-Clair nos deixou no início de abril, aos quarenta anos, vítima de uma infecção. Foi uma perda inestimável. Sua partida tão repentina deixa o mundo mais triste e o fandom menos inteligente.

BIOGRAFIAS

MARCELO BIGHETTI

Casado com Adriana desde 1995, é extremamente apaixonado por ela e pelos quatro filhos. Além de designer gráfico é escritor de fantasia e ficção científica, possuindo oito contos publicados, e outros de forma virtual (confira seu site www.marcelo.bighetti.com.br). Seu conto NOVO INÍCIO é um *bestseller* na Amazon e pode ser comprado clicando aqui. Trabalha atualmente em seu primeiro romance fantástico.

Contato com o escritor e artista pelo email mbighetti@gmail.com

ROBERTO BELLI

Roberto Belli é escritor graduado em Letras pela Universidade Regional de Blumenau. É redator, revisor de textos, roteirista, escritor de literatura infantil e juvenil, autor de livros educativos e de entretenimento de circulação nacional. Sua maior paixão é a Ficção Científica, gênero literário que considera tão instigante quanto pouco explorado, pois eleva ao grau máximo a capacidade de o homem ir onde jamais esteve, revelando o desconhecido fora (o espaço como a fronteira final) e dentro de nós (a biologia e o entendimento de si e do universo).

RICARDO GUILHERME DOS SANTOS

Ricardo Guilherme dos Santos lançou duas autopublicações pela Giz Editorial: o romance O Espaço Inexplorado (2010) e a coletânea Fragmentos (2012). Ainda em 2012, seu conto “Esperança” foi publicado na edição nº 104 da Somnium. No primeiro semestre de 2013, teve contos selecionados para as antologias The King, da Multifoco, e Mundos - volume 1, da Burity.

